

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**INTERVENÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E DA  
RÚSSIA NA GUERRA CIVIL DA SÍRIA DE 2011 A 2016**

Sabrina Thais Petter

Lajeado, junho de 2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**INTERVENÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E DA  
RÚSSIA NA GUERRA CIVIL DA SÍRIA DE 2011 A 2016**

Sabrina Thais Petter

Monografia apresentada no curso de Relações Internacionais, do Centro Universitário UNIVATES, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Dr. Mateus Dalmáz

Lajeado, junho de 2017

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Mateus Dalmáz pela paciência e dedicação e a todos aqueles que participaram dando suporte das mais variadas formas.

## **RESUMO**

O objetivo desta monografia é analisar as intervenções militares dos Estados Unidos da América e da Rússia na Síria. O período analisado vai de 2011, ano em que se dá a eclosão do conflito, a dezembro de 2016. Tangente à metodologia, este estudo consiste em uma pesquisa qualitativa. A teoria da Balança de Poder permanece como norteadora da pesquisa realizada. O aporte teórico do estudo é a teoria Realista Ofensiva de John Mearsheimer (2011), que busca explicar o comportamento das potências quando há divergências de interesses entre elas. Constata-se que ambas as potências atuam na região de forma direta ou indireta. Em geral, os Estados Unidos favorecem a resolução do conflito através da deposição do governo de Bashar Al-Assad e a preservação das instituições do Estado Sírio e a Rússia rejeita essa visão e argumenta que as ações de contraterrorismo devem preceder a discussão de arranjos para um governo de transição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações Internacionais; Guerra Civil Síria; Intervenções; Estados Unidos; Rússia.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

### **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Mapa político da Síria .....	15
Figura 2 – Topografia da Síria.....	17
Figura 3 – Territórios ocupados pelos principais grupos que disputam o poder na Síria.....	18
Figura 4 – Distribuição religiosa e grupos étnicos na Síria.....	21

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 A GUERRA CIVIL: CONTEXTO E CONDICIONANTES INTERNAS.....</b>	<b>10</b>
2.1 Condicionantes geográficas.....	11
2.2 Do mandato francês ao governo da família Assad .....	16
2.3 O surgimento da oposição, a Primavera Árabe e o início da Guerra Civil.....	20
2.3.1 A oposição .....	20
2.3.2 Da Primavera Árabe a Guerra Civil .....	22
2.4 Conclusões parciais .....	26
<b>3 INTERVENÇÕES .....</b>	<b>28</b>
3.1 O Ocidente e a Responsabilidade de Proteger.....	28
3.2 Os Estados Unidos.....	33
3.3 A Rússia.....	40
3.4 Conclusões parciais .....	45
<b>4 BALANÇA DE PODER.....</b>	<b>47</b>
4.1 Relações entre Estados Unidos e União Soviética na Guerra Fria .....	47
4.2 Balança de Poder .....	50
4.3 Conclusões parciais .....	54

<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>59</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

A república Árabe da Síria é um país localizado no Oriente Médio, com características geográficas que permitem seu fácil acesso pelo Mar Mediterrâneo e com população de diversas etnias e religiões. Politicamente, o país tem adotado uma política pró-Rússia desde o governo de Hafez-al-Assad, tornando-se o último ponto de projeção do poder russo no Oriente Médio e servindo como corredor para o transporte de gás, petróleo e armamentos. Em 2011, após uma série de protestos relacionados à Primavera Árabe, o país entrou em uma situação caracterizada como guerra civil e, devido a sua importância geopolítica e dadas as proporções do conflito, acabou por ser alvo de intervenções diretas e indiretas de diversos grupos e países, em especial dos Estados Unidos da América (EUA) e da Rússia.

O objetivo desta monografia é analisar as intervenções militares dos EUA e da Rússia na Síria. O período analisado vai de 2011, ano em que se dá a eclosão do conflito, a dezembro de 2016, visto que a política externa dos EUA sofre mudanças em consequência da eleição de Donald Trump para presidente. Para o cumprimento do objetivo geral, faz-se necessário: a) investigar as condicionantes internas do Estado Sírio; b) contextualizar a guerra civil na Síria no período delimitado; c) identificar os interesses estratégicos da Rússia com a intervenção militar na região; e d) identificar os interesses estratégicos dos EUA com a intervenção na região.

A problematização do trabalho se dá a partir do seguinte questionamento: qual o interesse dos EUA e da Rússia na região da Síria? Já a hipótese deste trabalho é a de que o interesse russo se constitui no acesso a dutos e ao porto sírio para escoamento de armas, petróleo e gás, enquanto que o estadunidense se configura numa tentativa de impedir os planos de



Moscou, bem como o de adquirir maior poder e influência na região.

O aporte teórico do estudo é a teoria Realista Ofensiva sob a ótica de John Mearsheimer (2011). Sendo esta teoria escolhida por analisar as formas através das quais grandes potências buscam conter competidores potenciais nas mais diversas esferas, além de dar luz as suas estratégias de sobrevivência no sistema internacionais e suas atuações em regiões de interesse.

Tangente à metodologia, este estudo consiste em uma pesquisa qualitativa. A teoria da Balança de Poder permanece como norteadora do estudo, explicando o comportamento das potências quanto ao caso da Síria.

O cerne desta monografia se encontra nos capítulos 2, 3 e 4. No capítulo 2 é realizado um exame das condicionantes domésticas da Síria e as principais causas do conflito. Esta abordagem trata tanto dos elementos geográficos quanto da história político-econômica do país. No capítulo 3, são identificados os principais aspectos das intervenções estadunidenses e russas na Guerra Civil Síria. No capítulo 4, faz-se uma breve contextualização das relações entre os EUA e da Rússia e pontua-se as principais características da teoria realista ofensiva e sua relação ao conflito. Nas considerações finais, é oferecido um resumo da pesquisa e os resultados obtidos.

## **2 A GUERRA CIVIL: CONTEXTO E CONDICIONANTES INTERNAS**

Conforme as guerras entre Estados belicamente fortes têm se tornando cada vez mais arriscadas e custosas em consequência dos avanços tecnológicos das últimas décadas, as potências mundiais, como os Estados Unidos da América (EUA) e a Rússia, têm buscado aumentar sua esfera de influência e seu poder sobre países periféricos, como a Síria, onde há menor custo e riscos para a sua segurança.

Neste capítulo buscar-se-á compreender os motivos que levaram a Síria a se tornar um importante ponto de influência tanto para a Rússia quanto para os Estados Unidos e quais das suas principais características permitiram a insurgência de uma guerra civil, estando dentre estas a diversidade étnico-religiosa, as características geográficas; o domínio francês após a desintegração do Império Turco-Otomano; a insatisfação da população com o governo da família Assad; a Primavera Árabe e a insurgência de grupos opositores cujas ações, em conjunto com a repressão do governo de Bashar al-Assad, acabaram por culminar na eclosão da guerra e no aumento da instabilidade regional.

Além de discorrer sobre a situação interna e a evolução do conflito, também já se fará uma primeira abordagem sobre as intervenções feitas na região, principalmente as iniciadas sob a orientação estadunidense e russa que serão aprofundadas no capítulo seguinte.

## 2.1 Condicionantes geográficas

O território hoje conhecido como Síria já esteve sob o governo dos mais diversos países e impérios. Como se pode observar na Figura 1, com a fragmentação do Império Turco-Otomano, em 1923, foram estabelecidos como seus limites a Turquia ao norte, o Iraque ao leste, a Jordânia e Israel ao sul e o Líbano e o Mar Mediterrâneo a oeste (VIVANCOS, 2005)<sup>1</sup>.

Figura 1: Mapa político da Síria, 2012.



Fonte: CCOPAB

É importante pensar nos aspectos geográficos da região, pois eles auxiliam a análise relativa à mobilização e atuação política de diferentes grupos sociais na Síria:

---

<sup>1</sup> Império Turco-Otomano: existiu entre 1299 e 1923, sendo uma potência europeia, asiática e africana. Teve seu ápice em 1394 e iniciou seu declínio no século XVIII devido à perda e fragmentação territorial. Não resistiu à Primeira Guerra Mundial e, com os Tratados de Sèvres (1920) e Lausanne (1923), teve, de fato, o seu fim, uma vez que a partir destes se definem os novos contornos geográficos da região e se estabeleceu a sucessão do Império Otomano pela Turquia (HOURANI, 1991).

An examination of the political geography of Syria, combining sociological, sectarian and political analysis, helps clarify important questions about the uprising: why, when and how some social groups mobilised and others did not; why minorities remained largely loyal to the regime or on the fence; why some cities joined the movement and others didn't, why neighborhoods within cities rose and adjacent ones didn't; why resistance and fighting were fiercer in some areas; why opposition groups developed particular identities and strategies in specific areas; and why the regime adopted specific repressive tactics in certain places, but not others (HOKAYEM, 2013, p. 42).<sup>2</sup>

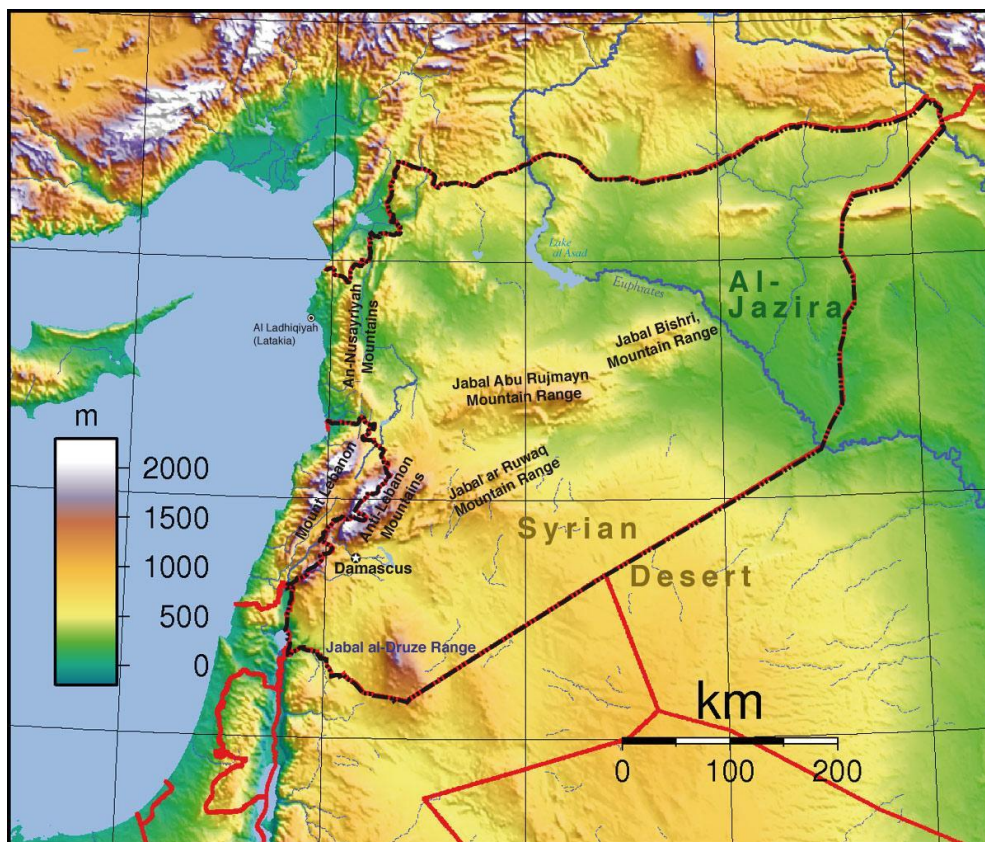
Assim, em parte, a eclosão da guerra civil e diversos outros problemas oriundos desta podem ser explicados pela formação geológica do território, bem como pelo seu posicionamento geográfico, que torna a região extremamente importante geopoliticamente, pois se encontra entre a Ásia, a África e a Europa, além de ter acesso ao mar Mediterrâneo e possuir diversos recursos naturais como petróleo, fosfatos, cromo e minérios como o de manganês, betume, ferro, sal-gema, mármore e gesso (CIA: The World Factbook: Syria, 2014).

Devido ao posicionamento geográfico e ao relevo (Figura 2), o país é relativamente fácil de conquistar e é uma boa rota de acesso a outros Estados da região. A Síria tem terras abertas que permitem que exércitos marchem no país com tranquilidade, seu território é exposto e conta com fronteiras longas e com poucas barreiras naturais, favorecendo a ataques e invasões, fato ainda mais facilitado pelo fácil acesso a partir do Mar Mediterrâneo, tornando o país uma área de interesse para quem busca expandir sua influência na região (TREIGNIER, 2002). Além disso, a Síria é o último ponto de projeção do poder russo no Oriente Médio, servindo como corredor para o transporte de gás, petróleo e armamentos (SANTOS, 2014).

---

<sup>2</sup> Tradução livre da autora: Uma análise da geografia política da Síria, combinada à análise sociológica, sectária e política, ajuda a esclarecer questões importantes sobre a revolta: por que, quando e como alguns grupos sociais se mobilizaram e outros não; por que as minorias permaneceram em grande parte leais ao regime, ou em cima do muro; por que algumas cidades aderiram ao movimento e outras não, por que bairros nas cidades se rebelaram e os adjacentes não; por que a resistência e combates foram mais fortes em algumas áreas; porque os grupos de oposição desenvolveram identidades e estratégias em áreas específicas; e por que o regime adotou táticas repressivas específicas em determinados lugares, mas não em outros.

Figura 2: Topografia da Síria



Fonte: Nations Online

Tangente a sua economia, a Síria tem apresentado dificuldades e retração desde o início da guerra civil iniciada em 2011, algo que vem sendo agravado, devido às sanções internacionais, ao aumento dos danos às infraestruturas, à redução do consumo doméstico e da produção, e ao aumento da inflação. Além disso, o governo sofre para evitar o declínio das suas reservas econômicas e déficits comerciais que agravam ainda mais as crises humanitárias pelas quais o país passa e aumenta a necessidade de auxílio internacional. Entre os principais bens produzidos por suas indústrias se encontram a extração de petróleo, tecidos, processamento de alimentos e bebidas, produção de tabaco, mineração de fosfato, cimento, entre outros (CIA: The World Factbook: Syria, 2014).

As condicionantes geográficas locais, além de tornar o território importante do ponto de vista geopolítico, bem como os aspectos políticos, sociais e religiosos favoreceram o surgimento de grupos locais, tanto aliados do governo de Bashar al-Assad como rivais,



sido liberadas das forças do regime; a renovação dos esforços de unificação dos grupos rebeldes; e, por fim, a criação de campanhas a fim de enfatizar que qualquer ordem pós-Assad seria plural e garantiria a todos os cidadãos direitos sociais, políticos e religiosos (HOKAYEM, 2013). Outras alianças rebeldes as quais cabe destaque são a Frente Islâmica Síria, formada no início de 2013, e trazendo em si grupos como Ahrar al-Sham, Liwa al-Haq e Suqoor al-Sham; e a Frente Islâmica de Libertação da Síria, trazendo consigo grupos como Farouq e Tawheed.

Além destes, conta-se com a presença de grupos considerados terroristas como a Frente al-Nusra, criada em 2012 em associação a al-Qaeda. Atualmente a Frente é o segundo maior grupo radical islâmico do país, apenas menor que o Estado Islâmico, e domina as províncias de Idlib e Aleppo, no norte, além de parte da periferia de Damasco. Já o Estado Islâmico, ou Daesh, controla grandes extensões do território sírio (Figura 3) e é conhecido pelas suas práticas terroristas e assassinatos.

Outros grupos de extrema importância, e que vêm conquistando territórios, principalmente ao norte da Síria são os relacionados aos Curdos como o Partido da União Democrática (PYD), que busca autonomia curda na Síria e o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), que embora tenha base na Turquia, atua diretamente nos conflitos, principalmente no que se refere às lutas contra o Estado Islâmico (BLANCHARD, HUMUD, NIKITIN, 2015).

Já como aliados, o governo Sírio conta com as Forças Armadas Sírias e as Forças de Defesa Nacionais; forças estrangeiras como o Hezbollah, que tem auxiliado o regime a proteger as rotas de suprimentos e a liberar cidades de rebeldes; e outras milícias pró-regime, como a Iraquiana e outras xiitas, cujos combatentes vem de países como o Líbano, Irã, Iraque e Afeganistão (BLANCHARD, HUMUD, NIKITIN, 2015).

Tal conjuntura de disputa de poder e territórios que pode ser percebida entre os grupos tem forte conexão com a fragmentação do Império Otomano, no início do século XX, e acordos e tratados feitos a partir de sua desintegração como o Sykes Picot, Sèvres e Lausanne, sendo estes estabelecidos como uma forma de divisão da influência e território, tendo não levado, de forma adequada, em consideração questões como as de identidade local e divergências político-religiosas que, por fim, acabaram auxiliando nos processos revolucionários que culminaram com o início da Guerra Civil Síria em 2011.

## 2.2 Do mandato francês ao governo da família Assad

Em primeiro lugar cabe destacar o papel desempenhado pela França após a desintegração do Império Turco Otomano ao findar da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Com a fragmentação do Império, a França assumiu o controle da região que atualmente engloba a Síria e o Líbano através do acordo Sykes Pycot<sup>3</sup>, sendo a região ponto de extrema importância local devido aos seus grandes rios com terras férteis e a fácil conexão que este país permite a outros (ZAHREDDINE, 2013).

Durante seu mandato, a França buscou implantar uma política que permitisse a manutenção e a segurança das minorias cristãs na região bem como favorecer os seus interesses. Para tanto, em 1921, elaborou um censo demográfico buscando dividir as terras em seu controle tomando como base para a divisão a crença da população local (Figura 4). Assim, a Síria acabou por ser dividida em seis províncias tuteladas pela França, sendo elas o Estado de Aleppo, com maioria Sunita<sup>4</sup>; o Estado de Damasco, de maioria Sunita; o Estado de Jabal Druze, com maioria Drusa<sup>5</sup>; o Estado Alauita<sup>6</sup>, de maioria alauita, a Província de Alexandreta (Hatay), com maioria Turca; e o “Grande Líbano”, de maioria Cristã (ZAHREDDINE, 2013).

---

<sup>3</sup> Sykes Pycot: acordo secreto assinado em 1916 pela França e Grã-Bretanha que definia como se daria a divisão das esferas de influência no caso de derrota do Império Turco-Otomano (Sykes-Picot Agreement, 1916).

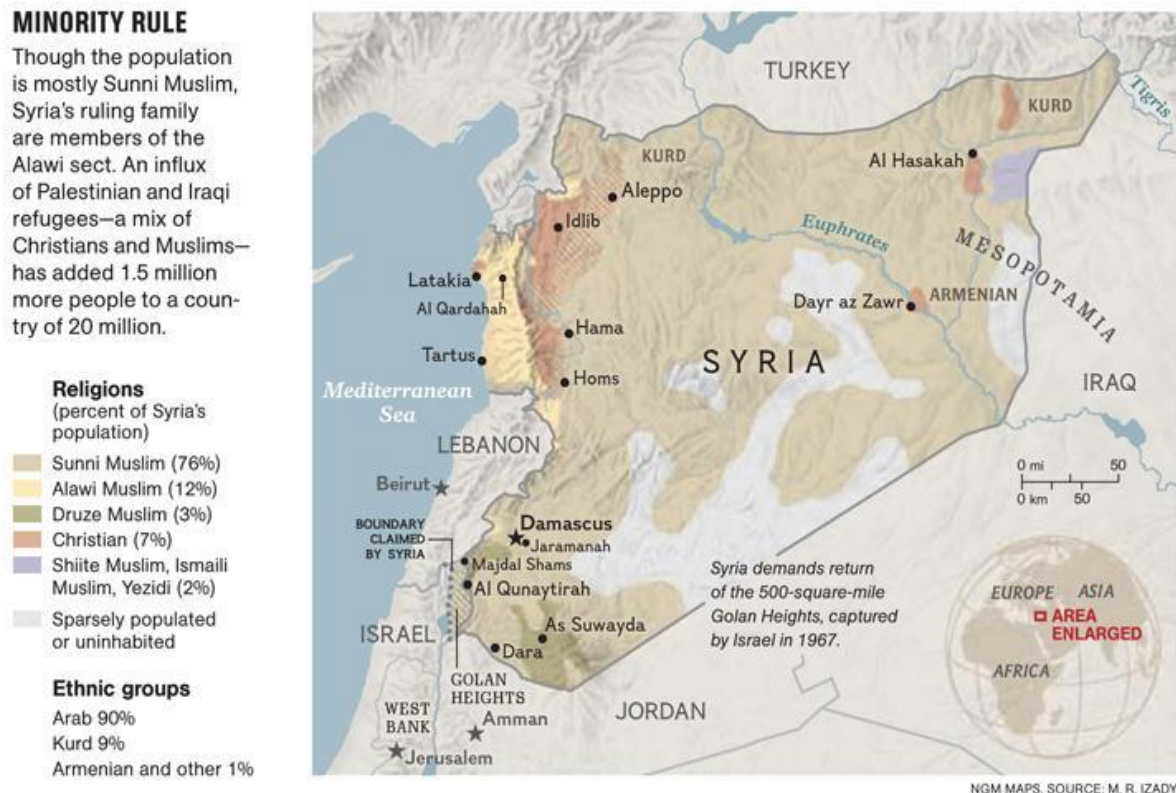
<sup>4</sup> Sunitas: corrente majoritária do islã que surgiu a partir de uma cisão no mesmo devido a divergências quanto à descendência de Maomé. Não reconhecem o líder da comunidade (imã) como continuador da missão espiritual do Profeta Maomé e que, portanto, o califado deve pertencer àqueles que a comunidade julgar dignos (WOLOSZYN, 2009).

<sup>5</sup> Drusos: comunidade religiosa árabe com religião islâmica de base ismaelita (HOURANI, 1991).

<sup>6</sup> Alauitas: grupo étnico-religioso que acredita em Alá como único deus e segue a Sharia ou Lei Islâmica (HOURANI, 1991).



Figura 4: Distribuição religiosa e grupos étnicos na Síria



Fonte: National Geographic, 2016

Além do país já ter diversas etnias e religiões presentes em seu território derivadas das diversas conquistas sofridas pelo território durante a antiguidade (FURTADO; RODER; AGUILAR, 2014), a Síria acabou por receber um grande fluxo de refugiados palestinos devido ao conflito palestino israelense<sup>7</sup> iniciado em 1948.

Com a ausência de instituições públicas que sejam capazes de mediar as relações de poder entre as comunidades e na dificuldade de adequação das aspirações dos grupos presentes em políticas públicas, valores baseados no respeito às famílias e clãs permeiam a vida cotidiana permitindo a manutenção da ordem através de códigos rígidos de comportamento (ZAHREDDINE, 2013).

Em segundo lugar cabe destacar a importância do papel do islamismo no surgimento

<sup>7</sup> Conflitos Árabes/Israelenses: têm como origem o avanço do Império Romano; o domínio britânico; a divisão da região pela Organização das Nações Unidas; e a criação do Estado de Israel apoiado pelos Estados Unidos em 1948 (HOURANI, 1991).

da guerra civil. Após a morte do profeta Maomé, em 632 d.C, surgiram duas correntes que divergiam na questão da sucessão: os Sunitas e os Xiitas<sup>8</sup>. A divergência em tais correntes religiosas tem um forte impacto no aumento das tensões no Oriente Médio (ASSUMPÇÃO, 2015), sendo, no caso da Síria, perceptível entre os sunitas e os alauitas, sendo os últimos uma vertente do xiismo, mas divergindo destes quanto à adesão a alguns dos princípios religiosos e à obediência à hierarquia, uma vez que os alauitas seguem seu clã ao invés de instituições clericais (HOKAYEM, 2013).

Em dezessete de abril de 1946 o Estado Sírio conquistou sua independência da França como uma república parlamentar, tornando-se evidente após esta a disputa étnica e religiosa pelo poder do Estado e se instaurando pequenas divisões no país, sendo estas responsáveis por gerar uma série de golpes e contragolpes de Estado. Ainda com a independência, a disputa étnica e religiosa pelo poder continuou em evidência, devido à política colonial francesa de enfraquecer a unidade árabe, instaurando pequenas divisões no Estado (FURTADO, RODER, AGUILAR; 2014). Assim de 1961 a 1970, sete presidentes ocuparam a posição de chefe de Estado (ZAHREDDINE, 2013), sendo que em 22 de fevereiro de 1971, Hafez Al-Assad, da minoria religiosa alauita, acabou por se estabelecer como governante do Estado através de um golpe militar. Em seu governo Hafez buscou governar de forma que a população da minoria alauita, bem como os cristãos e drusos em menor grau, pudessem ascender social e economicamente.

Segundo Zahredinne (2013) a Síria, durante o governo de Hafez al-Assad, manteve uma relação estreita com a até então União Soviética (URSS) devido à ideologia socialista árabe do partido Baath, como também em consequência das relações pessoais que o presidente sírio manteve com a URSS devido aos anos em que viveu no país. Dentre as vantagens que o governo sírio obteve em decorrência das boas relações mantidas com o governo soviético, ainda segundo Zahredinne (2013), encontram-se o aumento do comércio, as alianças estratégicas e militares, a importação de equipamentos militares e o apoio da União Soviética em conflitos e crises, enquanto que, em contrapartida, Moscou obteve em acesso ao mediterrâneo oriental através do Porto de Tartus, e estabeleceu uma importante zona de influência na região.

---

<sup>8</sup> XIITAS corrente que surgiu a partir de uma cisão no islamismo devido às divergências quanto à descendência de Maomé, costumam se mostrar mais intransigentes na defesa dos valores islâmicos pregados pelo profeta (OLIVA; GIANANTI, 1995). Seguem apenas o Corão, a Palavra de Deus em árabe que teria sido revelada ao profeta Maomé (HOURANI, 1991) e argumentam que somente os descendentes deste são legítimos imãs e líderes espirituais. (WOLOSZYN, 2009).

Com a morte de Hafez al-Assad, em 2000, foi feito um referendo popular para legitimar a posse do poder por Bashar al-Assad, filho de Hafez:

The circumstances of his accession to the presidency in 2000 bore the hallmarks of a standard authoritarian succession: a constitutional change was rushed through to allow him to run despite being younger than the minimum age; the ruling Ba'ath Party nominated him as its only candidate; and confirmed as president in a hastily organized national referendum with 97% of the vote. In 2007, having weathered powerful regional storms; he was confirmed as president for another term in a referendum in which he garnered, once again, 97% of the vote and was the only candidate running (HOKAYEM, p.21, 2013).<sup>9</sup>

Inicialmente, Bashar al-Assad adotou medidas que buscavam retirar a Síria de seu isolamento político, como iniciar um processo de modernização e reformar a economia do país de modo que se desse início à transição gradual e controlada para um “mercado de economia social” que preservasse os aspectos socialistas do governo (HOKAYEM, 2013). No entanto, Bashar acabou por manter o mesmo posicionamento político de seu pai devido às pressões da elite local, gerando insatisfação em parte da população. Dentre as medidas impopulares adotadas por ele se encontra o nepotismo<sup>10</sup>. Além disso, devido ao fato de o presidente Bashar Al-Assad (alauita) não pertencer à maioria sunita da população, bem como derivado do fato do regime ditatorial restringir as liberdades e promover repressões violentas, criaram-se tensões e insatisfações ainda maiores dentre a população (FURTADO; RODER; AGUILAR, 2014).

Outro fato que merece destaque é o de que Bashar herdou um país com profundos e complexos problemas socioeconômicos:

The country's economic development was held back by lack of investment, rigid market regulations, a retrograde bureaucracy, ideological reluctance to economic liberalization, costly energy and food subsidies, rigid currency controls and entrenched corruption. The country lacked a modern financial system, adequate regulatory and judicial bodies, and trade arrangements (HOKAYEM, p.25, 2013).<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Tradução livre da autora: A circunstância da sua ascensão à presidência em 2000 seguiu as práticas tradicionais de uma sucessão autoritária: uma mudança constitucional foi feita rapidamente para lhe permitir concorrer, apesar de ser mais jovem do que a idade mínima, ao governo pelo Partido Baath como único candidato, e foi confirmado como presidente em um referendo nacional organizado as pressas em que obteve 97% dos votos. Em 2007, tendo emergido as fortes “tempestades” regionais; ele foi confirmado com president em um novo referendo no qual conquistou, novamente, 97% dos votos e foi o único candidato concorrendo.

<sup>10</sup> Bashar al-Assad deu a familiares e amigos próximos posições de alto-nível no governo sírio como as de ministros, governadores e embaixadores (HOKAYEM, 2013).

<sup>11</sup> Tradução livre da autora: O desenvolvimento econômico do país foi segurado pela falta de investimentos, regulações rígidas ao mercado, a burocracia retrógrada, relutância ideológica a liberalização econômica,

Agravando as dificuldades na gestão, o país também sofria com pouca ajuda externa, altas taxas de natalidade (55% da população era menor de 24 anos em 2010) e o grande aumento nas taxas de desemprego, falta de competitividade nas exportações das indústrias nacionais e a diminuição da produção de petróleo (HOKAYEM, 2013). Embora Assad tenha buscado medidas que auxiliassem a diminuir a gravidade dos problemas locais, a exemplo da tentativa de participação do Estado na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, não foi possível alcançar os seus objetivos e, eventualmente, os níveis de corrupção e desigualdade começaram a crescer, ao passo que as infraestruturas, os serviços, as políticas públicas de incentivo à agricultura e as oportunidades de negócios começaram a degradar-se (HOKAYEM, 2013). Tal conjuntura fez com que Assad enfrentasse problemas políticos internos, que levariam à eclosão das revoluções ligadas à Primavera Árabe e, mais tarde, à guerra civil.

## **2.3 O surgimento da oposição, a Primavera Árabe e o início da Guerra Civil**

### **2.3.1 A oposição**

Antes da rebelião em 2011, a oposição na Síria se encontrava fragmentada devido às ações do regime para lhe suprimir e encontrava dificuldades para se organizar e inspirar jovens a participarem dos movimentos; enquanto que demais grupos opositores, como a Irmandade Muçulmana<sup>12</sup>, atuavam em exílio, porém desconectados das necessidades nacionais, com poucos equipamentos e ineficácia política. Embora os grupos opositores políticos organizados não tivessem eficácia inicial, a sociedade síria começou a se organizar politicamente através de organizações incentivadas pelo próprio governo, porém operando às margens do Estado. Através de tais organizações foram realizados protestos pacíficos que ocorriam por todo o país nas sextas-feiras:

Through social media and other forms of communication, activists agreed on the message to be broadcast every week. They also adopted the pre-Ba'ath flag as a

---

custosos subsídios à energia e alimentos, controles rígidos à moeda e corrupção institucionalizada. O país tinha falta de um sistema financeiro moderno, corpos jurídicos e regulatórios adequados, e acordos comerciais.

<sup>12</sup> Irmandade Muçulmana é uma organização islâmica radical que pretende restaurar os ensinamentos do Corão; luta pelo estabelecimento da Sharia; objetiva unificar os países de população muçulmana e opõem-se a qualquer influência ocidental (ALVAREZ, 2011).

symbol of the revolution. As the movement grew, similar grassroots groups emerged, including the Syrian Revolution General Commission and the Higher Council of the Syrian Revolution. The movement widened to include middle-class professionals, as well as urban and rural workers. In cities like Hama and Homs where sympathy for the opposition was strong, protests occurred in central squares; elsewhere, demonstrators mobilised in mosques and local neighbourhoods, as at the Omari Mosque in Deraa and the Umayyad Mosque in Damascus (HOKAYEM, 2013, p. 69).<sup>13</sup>

Ao perceber que os grupos que estavam começando a se mobilizar representavam perigo ao seu governo, Bashar iniciou operações das forças de segurança para identificar e desfazer as células, no entanto, devido ao caráter descentralizado e sem líderes destas pequenas organizações, a erradicação total foi impossível embora se tenha tido sucesso em algum nível (HOKAYEM, 2013). Assim, ainda no início de 2011, as condições básicas para uma revolução haviam sido alcançadas.

By early 2011, as in many other Arab states, the objective conditions for an uprising had been met. Assad's policies, government mismanagement and structural challenges resulted in the decay of the Syrian state and deepened inequalities, undermining key pillars of the system that Bashar had inherited from his father. Assad had failed to develop new tools to allay Syria's economic and social dislocation and open the political arena (HOKAYEM, p.36, 2013).<sup>14</sup>

Em 2011, embora os grupos tenham passado a se armar com o propósito de garantir a segurança da população envolvida, os protestos continuaram sendo pacíficos. Juntamente com a eclosão da Primavera Árabe em outros países do Oriente Médio a situação da Síria passou a se agravar.

### **2.3.2 Da Primavera Árabe a Guerra Civil**

---

<sup>13</sup> Tradução livre da autora: Através da mídia social e outras formas de comunicação, ativistas concordaram quanto à transmissão de uma mensagem todas as semanas. Eles também adotaram a bandeira anterior ao partido Ba'ath como símbolo da revolução. Conforme o movimento cresceu, grupos de origem similar surgiram, incluindo a Comissão Geral da Revolução Síria e o Alto Concelho da Revolução Síria. O movimento se expandiu e passou a incluir profissionais da classe média, bem como trabalhadores urbanos e rurais. Em cidades como Hama e Homs onde a simpatia pela oposição era forte, protestos ocorreram em praças centrais; nos outros lugares, protestantes se mobilizaram em mesquitas e bairros, como na Mesquita Omari em Deraa e a Mesquita Umayyad em Damasco.

<sup>14</sup> Tradução livre da autora: No início de 2011, assim como em vários outros Estados Árabes, as condições objetivas para uma rebelião foram alcançadas. As políticas de Assad, a má gestão governamental e desafios estruturais resultaram na degradação do Estado da Síria e aumentaram desigualdades, minando os pilares chave do Sistema que Bashar herdou de seu pai. Assad falhou em criar novas ferramentas para suavizar o deslocamento social e econômico da Síria e abrir a arena política.

Com a Primavera Árabe, iniciada ao findar de 2010 na Tunísia, os Estados Unidos passaram a endossar “oficialmente as reivindicações dos manifestantes, apoiando-os como gritos inegáveis pedindo por ‘liberdade’, ‘eleições livres e justas’, ‘governo representativo’ e ‘democracia de verdade’” (KISSINGER, 2015, p. 127), de forma que a série de protestos e revoluções no mundo árabe teve forte expansão, chegando à Síria em 2011, em parte pelo descontentamento da população com relação ao governo que representava uma minoria e em outra devido à tortura de estudantes que fizeram *graffiti* de caráter anti-governo e revolucionário. Em um primeiro momento, foi dado início aos protestos de rua, realizados por moradores do Sul de Deraa<sup>15</sup> (Dara’a), devido às torturas sofridas por estudantes participantes de organizações locais. Entretanto, tais protestos acabaram por se expandir a outras partes do país em consequência da repressão violenta à população participante (HOKAYEM, 2013).

Conforme a insatisfação da população passou a aumentar, houve protestos que tinham como exigências a saída do presidente Bashar al-Assad do poder, a criação de partidos políticos, direitos iguais para a população curda, liberdades políticas, principalmente a de imprensa, expressão e reunião que respondeu com algumas concessões, mas que foram consideradas insuficientes pela população (SANTOS, 2014, texto digital).

Com a evolução e o aumento dos protestos, Bashar al-Assad passou a tomar medidas de repressão mais drásticas contra os dissidentes e manifestantes, como o corte do abastecimento de água e de eletricidade, confisco de farinha e comida em áreas específicas pelas forças de segurança como estratégia de penalização. Além disso,

The government’s initial strategy was to deploy overwhelming force to crush protests and rebels, while undertaking quiet outreach to local chieftains. It combined traditional security operations in most cities (monitoring and arrest of

---

<sup>15</sup> Deera: cidade localizada ao sul da província de Houran, região que foi bastião do partido Ba’ath. A população, em parte devido a sua natureza tribal, apesar de fortes repressões, não pode ser contida em seus protestos (HOKAYEM, 2013).

activists, intimidation, torture, plus some accommodation of the local population) with a deployment of military assets in rural areas where the challenge was greater. As the armed resistance expanded, the regime utilized the full-spectrum of its conventional firepower: it deployed infantry and armoured capabilities starting in the spring of 2011, artillery in the autumn of 2011, air power in the spring of 2012, cluster bombs in the summer of 2012, and missiles (including *Scuds*) in the autumn of 2012 (HOKAYEM, 2013, p. 57).<sup>16</sup>

Conforme o governo aplicava as medidas graduais mencionadas, as manifestações e resistências, que antes eram pacíficas, passaram a se tornar violentas. E grupos rebeldes opositores começaram a ter maior adesão. Além disso, vale lembrar que não foram aplicadas medidas de contra insurgência (HOKAYEM, 2013). A Primavera Árabe na Síria não apenas acirrou a oposição ao governo de al-Assad como também dinamizou a guerra civil do país:

A revolução síria, em seus primeiros momentos, pareceu ser algo como uma réplica da egípcia, na praça de Tahrir. Porém, enquanto a turbulência no Egito unificou as forças até então subjugadas, na Síria tensões ancestrais irromperam para despertar o conflito milenar entre xiitas e sunitas. Dada a complexidade demográfica da síria, a guerra civil trouxe para esse processo outros grupos étnicos e religiosos, nenhum dos quais, com base em suas experiências históricas, estava preparado para confiar seu destino as decisões dos outros. Potências estrangeiras se envolveram no conflito enquanto atrocidades se multiplicavam e sobreviventes buscavam abrigo em enclaves étnicos e sectários (KISSINGER, 2015, p.130).

Assim, os protestos pacíficos deram lugar à repressão violenta e, finalmente, à violência generalizada em que diversos grupos disputavam o poder sobre diversas partes do território. Ainda em 2011 o Ocidente passou a perceber que a revolução poderia abalar as estruturas de poder na qual Assad estava alicerçado e que o líder sírio iria se contrapor através do uso da força, tal fato suscitou diferentes reações:

This shift in attitude was evident in the declarations of Western officials. France proved particularly vocal, probably prompted by a sense of frustration given Sarkozy's closeness to Assad in previous years, while, in August 2011, Obama issued a statement marking this policy change: 'For the sake of the Syrian people, the time has come for President Assad to step aside.' Even then, the US remained attached to the notion of a peaceful transition that would preserve the Syrian state

---

<sup>16</sup> Tradução livre da autora: A estratégia inicial do governo foi a de implantar uma força esmagadora para desestimular os protestos e os rebeldes, enquanto silenciosamente dava garantias a chefes locais. Isso combinou operações de segurança tradicionais na maioria das cidades (monitoramento e prisão de ativistas, intimidação, tortura, além de alguma acomodação da população local) com a implementação de militares ativos nas áreas rurais onde o desafio era maior. Conforme a resistência armada expandiu, o regime utilizou toda a gama de poder de fogo convencional: utilizou forças de artilharia e blindados no início da primavera de 2011, artilharia no outono de 2011, poder aéreo na primavera de 2012, bombas de fragmentação no verão de 2012, e mísseis (incluindo *Scuds*) no outono de 2012.

and bring about a soft-landing, and so Western states prioritized diplomacy (HOKAYEM, 2013, p.156).<sup>17</sup>

Como Bashar al-Assad enfrentava forças insurgentes que contavam com o apoio local, bem como tinham maior conhecimento sobre o território, o regime foi forçado a alterar sua estratégia: estabeleceu como foco para a defesa pontos considerados essenciais para a sobrevivência do regime, como as cidades de Damasco e Aleppo, a região central do país, as rodovias e as estruturas que as ligavam, e ainda a região de Jabal al-Nusayriyah; enquanto passou a ignorar regiões que fossem consideradas de pouca importância estratégica ou que já tinham pouco domínio, dando assim mais espaço para grupos opositores atuarem nestas (HOKAYEM, 2013).

Em 2011 a Síria teve sua participação em reuniões do conselho da Liga Árabe<sup>18</sup> e de suas atividades suspensa até que o Governo de Assad implemente um plano de paz que inclui a libertação de prisioneiros, a retirada das forças de segurança das ruas e o início de conversações entre o Governo e a oposição. Tal plano, embora oficialmente aceito pelo governo sírio não foi, de fato, seguido (UN, 2011).

Já no início de 2012, conflitos armados já haviam se tornado definitivos, dominantes e irreversíveis, mesmo que ocorressem paralelamente a demonstrações pacíficas, como protestos e passeatas. Com a continuidade das lutas armadas, em meados de 2012, o conflito já era declarado como guerra civil por diversos órgãos internacionais e pelo governo de Bashar al-Assad. A violência através da qual o governo de al-Assad reprimiu as oposições “barrou a onda” da Primavera Árabe na Síria:

O slogan tantas vezes repetido da Primavera Árabe, “O povo quer a queda do regime”, deixou em aberto a questão de como o povo deveria ser definido e do que iria tomar o lugar das autoridades derrubadas. As palavras de ordem originais dos manifestantes da Primavera Árabe, pedindo a abertura da vida política e econômica, acabaram atropeladas pela violenta disputa entre o autoritarismo

---

<sup>17</sup> Tradução livre da autora: Esta mudança na atitude foi evidente nas declarações dos oficiais ocidentais. A França se provou particularmente vocal, provavelmente impulsionada por um senso de frustração dada a proximidade de Sarkozy a Assad nos anos prévios, enquanto, em agosto de 2011, Obama fez uma declaração marcando esta mudança de política: ‘Pelo bem da população síria, chegou o momento do Presidente Assad se afastar.’ Ainda assim, os EUA permaneceram ligados a noção de uma transição pacífica que preservasse o Estado da Síria e trouxesse uma resolução calma, assim os Estados Ocidentais priorizaram a diplomacia.

<sup>18</sup> Liga Árabe formalmente chamada de Liga dos Estados Árabes é uma organização regional de países Árabes que objetiva aproximar as relações entre os Estados membros e coordenar processos colaborativos entre estes de forma a manter suas independências e soberania (League of Arab States)



apoiado pelos militares e a ideologia islâmica (KISSINGER, 2015, p. 128).

Assim, ainda em 2012, iniciaram-se processos intervencionistas indiretos no país à exemplo dos Estados Unidos os quais, segunda a agência de notícias Reuters, teriam iniciado através da autorização à CIA e outras agências estadunidenses os trabalhos em conjunto com os rebeldes que, até o momento, já teriam recebido 25 milhões de dólares para equipamentos não-letais e mais 64 milhões para assistência humanitária sob o pretexto de que, caso os Estados Unidos não agisse não interferisse, o país acabaria por entrar em estado de anarquia. Embora até tal momento a Casa Branca negasse prestar auxílio com armamentos em 2013 já foram feitos relatos de que a CIA haveria iniciado a entrega de armas letais. No mesmo ano se dá o surgimento do grupo sunita conhecido como Daesh, ou Estado Islâmico, através da saída do mesmo da al-Qaeda<sup>19</sup>. Já em 2014 estes se proclamam um califado<sup>20</sup> que tendo como líder, ou califa, Abu Bakr al-Baghdadi passam a ter maior influência no cenário regional uma vez que adotam medidas terroristas bem como conquistam regiões extensas e importantes no território que compreende a Síria e o Iraque. Além disso, tal grupo, passou a realizar ações terroristas em outros territórios como a derrubada de um avião russo no Egito e os atentados de Paris em 2015 e o atentado realizado em Bruxelas em 2016 trazendo ainda mais força para os esforços militares que buscam o combater.

Ainda em 2013 a Organização das Nações Unidas declarou ter evidências de que haviam sido utilizadas armas químicas - mais especificamente o gás sarin - em ataques realizados nas cidades de Ein Tarma, Moadamiyah, e Zamalka, na região conhecida como Ghouta em Damasco no mês de agosto de 2013, tendo sido mortas centenas de pessoas. Diversos governos como o dos Estados Unidos, França e Grã-Bretanha afirmaram que é altamente provável que o governo Sírio tenha utilizado tais armas e, a partir disso, foram feitos acordos pela Organização das Nações Unidas em que se previa a destruição de todo o arsenal de armamentos químicos sírios, processo que teria sido feito até meados de 2014, embora se tenham relatos de novos ataques em 2015 de acordo com a *Arms Control Association*.

Mesmo em um contexto de grande violência e repressão, Bashar al-Assad convocou

---

<sup>19</sup> Al-Qaeda organização fundamentalista islâmica que realizou diversos atentados terroristas na África, Oriente Médio e América do Norte destacando-se os ataques de 11 de setembro de 2001 (ROLLINS, 2011).

<sup>20</sup> Califado: forma islâmica de governo cujos líderes são sucessores do profeta Maomé (HOURANI, 1991).

novas eleições em 2014 cujas votações teriam sido realizadas em áreas controladas pelo governo e não em regiões sob o domínio de grupos rebeldes, tendo sido eleito com 88,7% dos votos registrados.

Com o agravamento da situação na Síria, em grande parte pela grande expansão do Daesh, se formou no final de 2014 a coalizão internacional, liderada pelos Estados Unidos, cujo objetivo é de realizar ataques aéreos contra o Estado Islâmico de forma a deter, conter e, eventualmente, destruí-los. Além disso, devido as condições precárias em que se encontra o país deu se início a um processo migratório à países da região e à Europa trazendo instabilidade para o continente. Foram registrados entre abril de 2011 e janeiro de 2016, segundo a Agência de Refugiados da Organização das Nações Unidas, 935.008 requisições de asilo na Europa.

Já a partir de setembro de 2015 a Rússia, principal aliado do governo, começa oficialmente a intervir militarmente na guerra civil através de ataques aéreos em defesa de Bashar, sendo tais ataques intensificados em novembro de 2015 o que permitiu que o Exército Sírio retomassem o controle de alguns territórios.

Assim, apesar dos diversos grupos opositores participantes e intervenções, o governo Sírio continua apresentando grande resiliência e, embora as previsões tenham sido de um rápido colapso, como ocorreu em diversos outros países que foram afetados pela Primavera Árabe, Bashar al-Assad continua no governo do país ainda que tenha perdido o controle de grande parte do território. Segundo Hokayem (2013) esta resiliência pode ser atribuída ao grande suporte da base; estratégias efetivas de mobilização ideológica, política e sectária; métodos de segurança contra golpes ao regime; capacidade de adaptação militar; e conhecimento dos interesses e alinhamentos dos grupos chave, valendo a pena também frisar a importância do auxílio do governo de Putin tem oferecido.

## **2.4 Conclusões parciais**

Pode-se tomar como principais características que permitiram a insurgência de uma guerra civil na Síria a geografia regional que oportunizou o surgimento de divergências étnico-religiosas a partir da influência sofrida pela região devido às conquistas de diversos impérios; ao domínio francês após a desintegração do Império Turco-Otomano que não levou em consideração as questões étnico sociais bem como favoreceu as minorias cristãs; a insatisfação da população com o governo da família Assad devido às políticas repressivas

adotadas; a eclosão da Primavera Árabe no Oriente Médio e a insurgência de grupos opositores que foram auxiliados por países que tivessem interesse na região sejam por questões geopolíticas, de recursos ou de influência. Embora tenham sido feitos esforços para se chegar a acordos sobre a paz na Síria, estes têm esbarrado na falta de concordância entre os países e grupos que tem atuado na região, sendo isto explicado pelos interesses dissonantes dos envolvidos, principalmente no que se concerne aos interesses estadunidenses e russos, duas potências que tem intervindo fortemente seja de forma direta, através de bombardeios, ou indireta, com auxílio financeiro e entrega de materiais bélicos, sendo estes aspectos analisados mais profundamente no capítulo 3.

### **3 INTERVENÇÕES**

A Síria se insere em um contexto tumultuado, o qual tem sofrido influência e interferência de vários grupos e Estados em diferentes formas, tomando uma proporção em que é difícil determinar todos os atores envolvidos, embora seja perceptível as interferências dos Estados Unidos e da Rússia. Pensando-se num relacionamento de oposição natural entre as duas potências – fundamentada por geopolíticos como Haushofer, Mackinder, Spykman e Brzezinski – e adicionando-se as peculiaridades geoestratégicas do país, é vital que se busque o equilíbrio de poder na região.

Os Estados Unidos, em termos gerais, argumentam que se deve negociar a resolução do conflito que resultaria na deposição do governo de Bashar e a preservação das instituições do Estado Sírio. Assad e a Rússia, naturalmente, rejeitam essa visão e argumentam que as ações de contraterrorismo, em conjunto ao governo Sírio, devem preceder a discussão de arranjos para um governo de transição. Esforços contra o regime ou o empoderamento de grupos de oposição para destituir Assad podem apresentar um risco direto de conflagração entre os Estados Unidos e a Rússia, que terão implicações além da Síria.

#### **3.1 O Ocidente e a Responsabilidade de Proteger**

Segundo Hokayem (2013), no momento em que a revolta na Síria adquiria o suficiente de energia e visibilidade na mídia, o otimismo ocidental em relação à Primavera Árabe já diminuía devido às difíceis transições no Egito e na Tunísia, além

dos custos e do caos na Líbia e os primeiros sinais do ressurgimento do Islamismo político. Explica-se a demora na tomada de ação por parte dos Estados Unidos, segundo o autor, através de quatro pontos centrais além da visão de que a revolta Síria, inicialmente, era mais um incômodo do que uma ameaça estratégica e um problema de menor complexidade em comparação às disputas na Europa Oriental: na Geórgia, questões relacionadas à energia, à defesa de mísseis e políticas domésticas da Rússia, bem como a necessidade de manter a pressão (junto com a China) sobre o Irã e a Coreia do Norte.

Em primeiro lugar, Hokayem (2013) destaca que para o Ocidente os custos geopolíticos pareciam pesar mais do que os de uma intervenção forçada. Conta-se, também, com a forte oposição russa e chinesa a qualquer intervenção sancionada pela Organização das Nações Unidas, criando, assim, preocupações sobre novos desentendimentos. Entretanto, alguns sírios viam a obstrução russa e chinesa como útil aos Estados ocidentais pois esta mascarava a indecisão destes países.

Em segundo lugar, o complexo terreno da Síria e a habilidade dos Estados ocidentais de o navegarem e manterem-se com a evolução do conflito emergiram como impedimentos à ação em terra. Além disso devido à formação e à distribuição heterogênea da sociedade Síria, os conflitos históricos e políticos mal resolvidos e a proximidade de Estados problemáticos garantiram que a intervenção seria custosa.

Já em terceiro lugar, tem-se a possibilidade da erosão do alcance do Levante do Irã, incentivando a criação de novas ameaças geopolíticas aos Estados Unidos, além de aumentar a preocupação de que um caos ainda maior pudesse se estabelecer. Uma intervenção na Síria poderia levar os esforços diplomáticos do ocidente já incertos com o Teerã a se degradarem e, também, arriscar a escalada dos conflitos regionais. Sendo estes relacionados com a preocupação de que a intervenção tivesse impactos em Israel.

Em quarto lugar há a preocupação de que a crise Síria, seguida por um vácuo de poder e segurança, pudesse dar espaço a ideologias e atores Salafistas e jihadistas. Ou seja, tem-se o medo de que, mais uma vez, o Ocidente poderia, de fato, se aliar e empoderar grupos radicais islâmicos com uma visão extremamente antiocidental, e, assim, ajudá-los a estabelecer uma presença mais próxima da Europa e do Mediterrâneo. Neste momento já havia a percepção de que a revolta tinha natureza primariamente sunita e islâmica, preocupando àqueles do ocidente sobre o destino do secularismo e

minorias, especialmente as cristãs. Alguns oficiais de inteligência ocidentais até mesmo mantiveram sua cooperação com as agências de segurança sírias contra a al-Qaeda e outros grupos jihadistas, preocupando-se, também, com o fato de que jihadistas ocidentais pudessem se juntar aos *ranks* da insurgência e, ao retornar ao seu país natal, se tornarem uma ameaça à segurança nacional.

Assim, tais fatores em conjunto com a falta de conhecimento da sociedade civil Síria além da elite da capital Damasco, bem como a visão otimista e não realista sobre a prontidão do regime tangente às reformas política do país contribuem na explicação da reação inicial dos Estados Unidos e da Europa.

Entretanto, com as diversas mudanças que ocorreram no governo de Bashar al-Assad em meados de 2011, momento no qual o regime passou a responder com brutalidade protestos que até então eram vistos como pacíficos alteraram o caráter dos conflitos na região, o ocidente mudou de posição quanto à revolta, ainda que suportasse uma transição pacífica e que preservasse o Estado Sírio, embora medidas fossem adotadas paralelamente:

In parallel, Western states adopted a series of measures to pressure the top echelons of the regime and squeeze the regime's resources. The objective was to encourage defection of senior government and security officials in the expectation that this would fracture and debilitate the regime. Sanctions and public discussion about a possible referral of senior Syrian officials to the International Criminal Court (ICC) alongside offers of safe haven and intelligence outreach were intended to generate additional incentives to would-be defectors. As early as April 2011, the US and the EU began to adopt targeted financial sanctions against dozens of Syrians officials and businessmen involved in the repression. They also imposed trade and oil export sanctions to degrade the regime's financial resources and in the hope that, by attaching a high financial cost for continued support of Assad, Syria's powerful business community would abandon the regime. (HOKAYEM, 2013, p.156)<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Tradução livre da autora: Em paralelo, os Estados Ocidentais adotaram uma série de medidas para pressionar os altos escalões do governo a apertarem os recursos do regime. O objetivo era de encorajar a deserção de funcionários do governo e de segurança de alto nível na expectativa de que isso pudesse fraturar e debilitar o regime. Sanções e discussões públicas sobre o possível encaminhamento de oficiais de alto escalão ao Tribunal Penal Internacional (TPI) junto a ofertas de porto seguro e extensão à inteligência objetivavam a geração de incentivos adicionais à possíveis desertores. Tão cedo quanto abril de 2011, os EUA e UE começaram a adotar sanções financeiras direcionadas contra dezenas de oficiais sírios e empresários envolvidos nas repressões. Eles também impuseram sanções nas vendas e exportações de forma a degradar os recursos financeiros na esperança de que, através da vinculação de altos custos financeiros ao suporte continuado à Assad, as poderosas comunidades de empresários sírios abandonariam o regime.

Além disso, Hokayem (2013) vê como estratégia ocidental o apoio aos Estados do Golfo conforme estes auxiliavam na mobilização na comunidade internacional contra o regime da família Assad. Deste modo, era esperado dos aliados mais próximos à Síria – além do Irã, Qatar e Turquia – que pudessem influenciar Assad a participar de negociações. Além disso, do ponto de vista ocidental, os Estados do Golfo – com destaque à Arábia Saudita, ao Qatar e aos Emirados Árabes – poderiam auxiliar os esforços ocidentais, principalmente dentro da Liga Árabe e a Organização para a Cooperação Islâmica bem como poderiam controlar através de ferramentas midiáticas as narrativas e percepções e, portanto, mobilizar recursos significantes.

Outro ponto destacado por Hokayem (2013) é o de que o Ocidente buscou trabalhar as questões relativas aos conflitos na região através da Organização das Nações Unidas (ONU), sendo que a administração de Obama veio ao poder com a intenção de lidar com crises através de instituições multilaterais e dividir o peso da gestão de conflitos com países da região e organizações e, levando as questões relacionadas ao conflito à ONU, dando obrigação à outras potências de auxiliá-los na busca por soluções:

Russia and China were under pressure to demonstrate that they could do more than shield their ally from international wrath – that they could also moderate and nudge Syria towards dialogue. US, European and Arab governments had to reconcile their own indecision with diplomatic theatrics while navigating the contradictory demands and expectations of the Syrian opposition (HOKAYEM, 2013, p. 160).<sup>22</sup>

Deu-se início as primeiras deliberações sobre a Síria na ONU nos primeiros meses de 2012 buscando adicionar poder coercitivo as iniciativas da Liga Árabe. Entretanto a resolução votada pelo Conselho de Segurança - que exigia que a Síria parasse com toda a violência de forma imediata, protegesse sua população, soltasse todas as pessoas detidas, retirasse todas as suas forças armadas e militares das cidades e garantisse o direito de demonstrações pacíficas, além de demandar das forças da oposição que cessassem com toda a violência – foi vetado pela China e Rússia,

---

<sup>22</sup> Tradução livre da autora: A Rússia e a China estavam sob pressão para demonstrar que eles poderiam fazer mais do que proteger seu aliado da ira internacional – eles também poderiam moderar e influenciar à Síria a participar de diálogos. Os governos dos Estados Unidos e dos países europeus e árabes tiveram que conciliar sua indecisão através de teatralidades diplomáticas enquanto navegavam entre demandas e expectativas contraditórias da oposição Síria.

principais aliados sírios (UNITED NATIONS, 2012).

Além disso, a situação na Síria no final de 2012 era fundamentalmente diferente de forma que acordos dificilmente pudessem ser feitos:

the various parties to the conflict sought total victory; the local factions were engaged in what they perceived as an existential struggle; regional and international powers had clashing interests and objectives; and there was no foreign occupier or superior military power. Thus, reaching an inclusive and applicable agreement over power sharing, minority rights, political reform, the state's identity, security reform, transitional justice and reconciliation through a mediation process have become less likely than ever (HOKAYEM, 2013, p. 165).<sup>23</sup>

Por outro lado, vários formuladores de políticas nutriam a esperança de que a Síria poderia ser vencida, eventualmente, através da mistura de incentivos, integração regional e inclusão na arquitetura de segurança regional. Um sentimento de que a Síria buscava objetivos legítimos através de meios assimétricos também permeava o pensamento ocidental: a sua política de segurança poderia ser explicada pelo desequilíbrio na balança de poder com Israel, que ocupava as Colinas de Golã, e pela política agressiva dos Estados Unidos, especialmente durante os anos Bush. Engajamento ao invés de confrontação poderia alterar a orientação estratégica da Síria com o tempo (HOKAYEM, 2013).

Hokayem (2013) acredita também que a Guerra Civil surgiu em um momento não propício a ação ocidental: após a operação da OTAN<sup>24</sup> na Líbia em 2011 (fundamentada através da Resolução 1973 de 2011 do Conselho de Segurança das Organizações das Nações Unidas) podia-se perceber que a influência ocidental havia diminuído; a percepção de que havia deficiências militares e dependência das forças estadunidenses por parte da Europa, principalmente tangente às questões logísticas e força; a falta de interesse entre os generais da União Europeia e os líderes da OTAN

---

<sup>23</sup> Tradução livre da autora: as várias partes do conflito buscavam vitória total; as facções locais estavam engajadas no que elas percebiam ser uma luta existencial; potências regionais e internacionais tinham interesses e objetivos divergentes; e não havia nenhum ocupador estrangeiro ou poder militar superior. Portanto, chegar a um acordo inclusive e aplicável sobre a partilha do poder, direitos das minorias, reforma política, identidade do Estado, reforma de segurança, justiça no período de reformas e reconciliação através de processos de mediação se tornaram menos prováveis do que nunca.

<sup>24</sup> OTAN: Organização do Tratado do Atlântico Norte. É uma organização formada a partir do Tratado do Atlântico Norte, estabelece a aliança militar intergovernamental entre os Estados Unidos e demais Estados membros.



pelo que seria uma grande operação na Síria; bem como o envolvimento cada vez menor dos Estados Unidos em questões relacionadas ao Oriente Médio durante o governo de Obama.

Conforme o conflito escalava iniciaram-se debates sobre a ativação do conceito de Responsabilidade de Proteger<sup>25</sup> e, de acordo com o Public International Law & Policy Group (2012), dar início a intervenções autorizadas pelo Conselho de Segurança sob o Capítulo VII. Tendo estas discussões aumentado conforme o governo passou a recorrer a repressão através de poder aéreo, bombardeamento indiscriminado, a destruição de grandes cidades e o uso de armas químicas, além de permitir uma catástrofe humanitária (HOKAYEM, 2013).

Através da adoção de medidas sob a Responsabilidade de Proteger seriam adotadas sanções, embargo à comercialização de armas, encaminhamentos ao Tribunal Penal Internacional e, em último caso, opções militares, como a adoção de zonas de segurança e de exclusão aérea (HOKAYEM, 2013). Entretanto, ainda, nenhuma medida foi adotada até 2016 devido a oposição obstinada dos russos e chineses, fundamentada, em parte, devido ao grande volume de armas exportadas pelos russos à Assad.

### **3.2 Os Estados Unidos**

Os EUA têm apresentado envolvimento ativo na região que compreende o Oriente Médio desde a segunda metade do século XX, principalmente depois da criação do Estado Israel que se configura como um ator importante nos assuntos da região, passando pela crise de Suez, o nacionalismo de Nasser, a intervenção indireta à deposição de regimes considerados não confiáveis por eles, chegando a questões energéticas e negociações de paz entre árabes e israelenses (MARINHO, 2008).

Após o fim da Guerra Fria, Washington, principalmente durante o governo Bush, busca reforçar sua presença na região, buscando diminuir aos poucos as zonas de influência da Federação Russa (ZAHREDINNE, 2013). Para Marinho (2008) a

---

<sup>25</sup> Responsabilidade de Proteger: Conceito que surgiu nos anos 2000, após o fracasso na contenção de diversas catástrofes humanitárias que ocorreram nos anos de 1990 e que contém princípios do direito internacional visando evitar que crimes contra a humanidade ocorram através de acordos internacionais e uso da força. Assim, quando crimes de guerra ocorrem em um Estado e este não protege sua população, a comunidade internacional pode intervir legalmente, embora tenham de ser esgotadas todas as formas de contenção aos crimes de guerra antes de uma intervenção militar (Public International Law & Policy Group, texto digital, 2012).

estratégia estadunidense de política externa para o Oriente Médio se baseia em dois alicerces centrais: o político-cultural e o econômico sendo que, sob estes, busca-se disseminar uma política econômica baseada no liberalismo.

Para Marinho (2008), as prioridades dos Estados Unidos no Oriente Médio tem sido, basicamente o acesso aos recursos petrolíferos disponíveis no Golfo; a defesa de Israel e a solução do conflito entre este e os países árabes; e a manutenção de uma situação sociopolítica favorável, mantida através de incentivos à adoção de princípios da democracia e das liberdades individuais:

Não há a menor dúvida de que o que move os Estados Unidos a efetivamente ocuparem com a região não são os direitos humanos ou problemas de outra natureza, como alegado, e muito mais imaginária do que real, a existência de armas de destruição em massa, no Iraque. Na verdade, continua o autor, o interesse específico e concreto com relação ao petróleo foi potencializado pela existência de regimes fundamentalistas islâmicos, o caso do Irã, e regimes que, como o de Saddam Hussein, entram em conflito e passaram a desafiar os interesses norte-americanos na região (PENNA apud MARINHO, 2008, p.185-186).

Com as dificuldades impostas pela Rússia e China na tomada de ações através do Conselho de Segurança os Estados Ocidentais e, em especial, os Estados Unidos passaram a discutir a possibilidade de armar grupos armados da oposição:

There were clear arguments in training and targeted provision of weaponry to the rebels: it would provide the West with partners within the armed opposition; it would help organise and moderate rebel factions; it would help create viable alternatives to the increasingly prominent jihadi groups; and it would displace smuggling and other networks. [...] Creating rebel dependency on Western-friendly political actors was seen as essential to preserving the unity of Syria, preventing warlordism, containing jihadism, and designing inclusive political mechanisms. (HOKAYEM, 2013, p. 184)<sup>26</sup>

Humud e Nikitin (2015) argumentam que uma das maiores preocupações dos

---

<sup>26</sup> Tradução livre da autora: Havia argumentos claros ao treinamento e provisão de armas a grupos rebeldes alvos: providenciaria ao Ocidente parceiros na oposição armada; auxiliaria a organizar e moderar facções rebeldes; auxiliaria na criação de alternativas viáveis aos cada vez mais proeminentes grupos jihadistas; e iria deslocar o contrabando e outras redes. [...] Criar uma dependência dos rebeldes em atores amigáveis ao ocidente era visto como essencial à preservação da unidade da Síria, prevenindo despotismo militar, contendo o jihadismo e criando mecanismos políticos inclusivos.

Estados Unidos quanto a Guerra Civil era o uso ou a perda de controle sobre as armas químicas disponíveis na Síria, especialmente após ataques realizados em 2013 em que se fizeram alegações do uso deste tipo de armamento contra alvos rebeldes e grupos opositores.

A nível do sistema internacional, com a descoberta do uso de armas químicas, em 2013, a rivalidade entre Estados Unidos e Rússia ficou evidente. A dificuldade do Conselho de Segurança da ONU de chegar a um acordo originou-se nos vetos aplicados pela Rússia e a China. Na época, falou-se em mais uma possível consequência com o espraio do conflito quando Putin foi categórico ao afirmar que a Rússia reagiria em defesa da Síria caso os EUA iniciassem uma intervenção militar. Essa atitude está ligada à ameaça que uma intervenção norte-americana significaria para os interesses russos no Oriente Médio. Em um sentido mais amplo, a estratégia russa de desenvolver uma multipolaridade nas relações internacionais tem a intenção de diminuir a presença dos EUA nas suas áreas de interesse e, mais além, diminuir a dominância dos EUA como possível “garantidor da estabilidade global”. Todos estes elementos reforçam ainda mais o impasse na resolução do conflito, que não se dará somente na arena doméstica ou na arena global, mas sim, por uma sintonia dessas duas esferas. As implicações da guerra civil, que começou com protestos pacíficos, aparentando ser apenas mais uma revolta contra um ditador no mundo árabe, se tornam mais complicadas e preocupantes. O aumento da capacidade e das áreas sob poder do Estado Islâmico do Iraque e da Síria resultou no envolvimento militar dos EUA. Mas, apesar do discurso das autoridades norte-americanas no sentido contrário, ao atacar o grupo, tornou-se difícil desvincular a ação de um apoio ao governo de Assad, cujo regime o Presidente Obama repudiou desde o início da guerra civil. (FURTADO, RODER e AGUILAR, 2014).

O governo de Obama atuou de forma ativa desde 2012 nos esforços multilaterais para que se possa alcançar um acordo entre o governo de Assad e as forças opositoras. Entretanto, os Estados Unidos não se limitaram a ações em organismos internacionais: também participou através do financiamento de grupos da oposição selecionados, fornecendo, além de materiais ditos não letais, com o treinamento e assistência à tais grupos (HUMUD; NIKITIN; 2015).

Segundo Humud e Nikitin (2015) os oficiais estadunidenses tinham dúvidas de que a intervenção militar externa teria pouco efeito na resolução do conflito uma vez

que um grande número de atores tem influência e interesses na guerra civil e, assim, uma ação militar poderia até mesmo gerar mais instabilidade. Com mudanças nas dinâmicas do conflito - em particular com a ascensão do Estado Islâmico e outros grupos salafistas e jihadistas, o enfraquecimento das forças do regime e as intervenções russas – incentivaram mudanças na política dos Estados Unidos no que se refere ao conflito:

While continuing to refer to a negotiated settlement as the aim of U.S. policy and stating that Assad has lost legitimacy, the Obama Administration has since mid-2014 publicly embraced limited overt intervention in the conflict in Syria. It requested and received congressional authority and funding for the training and equipping of vetted Syrians to counter terrorism and to contribute to conditions intended to lead to a negotiated settlement of the conflict. It also launched U.S. military operations against Islamic State and other extremist targets, and these operations arguably have undermined extremist control in some areas of the country (HUMUD; NIKITIN, texto digital, 2015).<sup>27</sup>

Para os Estados Unidos o melhor cenário para a população síria é um em que seja feito um acordo em que Assad seja retirado de seu cargo e que as forças opositoras em conjunto com elementos do antigo governo e com os Estados Unidos como aliado fossem colocados no poder. Ou seja, busca-se um acordo em que Assad e seus aliados que fossem associados à violações aos Direitos Humanos sejam removidos entretanto mantendo a estrutura do governo de Damasco em um governo inclusive que fosse capaz de reconquistar a soberania do território e que fosse capaz de dar início a um projeto de liberação das áreas dominadas pelo Estado Islâmico. Além disto era visto como provável um cenário em que uma guerra ainda mais violenta com ações de limpeza étnica pudesse surgir com o colapso do governo de Assad (HUMUD; NIKITIN, 2015).

Entretanto até neste cenário dúvidas persistiam:

---

<sup>27</sup> Tradução livre da autora: Enquanto continuavam a se referenciar a uma resolução negociada como objetivo da política dos Estados Unidos e declarando que Assad havia perdido sua legitimidade, a Administração de Obama desde meados de 2014 abraçou publicamente a limitada intervenção no conflito na Síria. Solicitaram e receberam autoridade do congresso e financiamento para treinamento e equipamento de sírios controlados ações anti-terroristas e para contribuir a condições planejadas a levar à uma solução negociada do conflito. Também lançaram operações militares dos EUA contra o Estado Islâmico e outros alvos extremistas, e essas operações indiscutivelmente foram minadas em algumas regiões do país.

Even if a transitional Syrian state acceptable to a sufficient segment of armed opposition forces were achieved, it may not prove to be capable of administering state services, dedicated to impartially providing justice according to the rule of law, or willing to partner with the United States and others against extremist groups. It is furthermore unclear whether the balance of power, in such a scenario, would lie with nonextremist opposition forces and the remnants of the Syrian state, even if somehow they were induced to work together. The prospect of Syria's dissolution into smaller de facto jurisdictions might allow for deeper U.S. partnership with individual groups or regions but might also provoke strong, self-interested, and disparate reactions from Syria's neighbors and outsiders like Iran and Russia. A more likely scenario than either a formal division of the country or reunification under moderate opposition forces may be one in which the United States, its partners, and its adversaries must manage the negative consequences of an ambiguous, lasting conflict that is beyond their ability to resolve. (HUMUD; NIKITIN, texto digital, 2015)<sup>28</sup>

O crescimento do Estado Islâmico resultou em um maior envolvimento do Ocidente destacando-se na interferência dos Estados Unidos, França e Reino Unido que consequentemente aumentaram as implicações regionais e globais da guerra civil (FURTADO, RODER E AGUILAR, 2014). Segundo Humud e Nikitin (2015) o Presidente Obama se pronunciou afirmando que neste momento a participação estadunidense na Síria seria focada apenas em assistir os sírios no combate ao Estado Islâmico, enquanto continuaria a buscar oportunidades de suportar uma resolução política ao conflito. Entretanto Washington foi além da assistência aos grupos: iniciou em ataques aéreos a posições do Estado Islâmico e outros grupos terroristas enquanto, ao mesmo tempo, continuou a aumentar seu engajamento com as forças opositoras, embora surjam questionamentos sobre os resultados destas ações:

---

<sup>28</sup> Tradução livre da autora: Mesmo que se alcançasse um Estado transitório que fosse aceito por suficientemente por segmentos das forças de oposição armadas, este pode se provar incapaz de administrar os serviços do Estado dedicados a prover justiça imparcialmente de acordo com o Estado de Direito, ou não desejar se aliar com os Estados Unidos e outros contra outros grupos extremistas. Além disso não é claro se a balança de poder, em tal cenário, estaria com grupos opositores não extremistas e o remanescente do Estado sírio, mesmo que de algum modo eles fossem induzidos a trabalhar em conjunto. A perspectiva da dissolução da Síria em jurisdições menores poderia permitir uma parceria mais profunda com grupos individuais ou regiões, mas também poderia provocar reações fortes, egoístas e discrepantes de vizinhos e estrangeiros como do Irã e Rússia. Um cenário mais provável do que a divisão formal do país ou reunificação sob forças de oposição moderadas poderia ser um no qual os Estados Unidos, seus parceiros, e seus adversários deveriam gerenciar as consequências negativas de um conflito ambíguo e duradouro que está longe da sua capacidade de solução.

Significant political and strategic questions may be raised by proposals that would further benefit certain nonstate actors relative to national governments (such as Kurdish groups) or that might unpredictably alter prevailing dynamics among adversaries in Syria. Opponents of deeper U.S. engagement with or support for Syrian combatants have argued that the United States cannot guarantee that provided material assistance will not fall in to the hands of extremist groups or the Asad government. Others fear that by arming and training Syrian opposition members overtly or by supporting such forces in the field, the United States may be making itself a combatant in Syria's civil war. Still others argue that the wider international precedents set by U.S. assistance for or intervention on behalf of trained opposition members risk undermining broader U.S. support for principles of nonintervention and sovereignty or policy goals in specific conflicts (HUMUD; NIKITIN, texto digital, 2015).<sup>29</sup>

Até a criação do programa de Treinamento e Equipamento Sírio em 2014 a assistência dos EUA as forças armadas rebeldes se restringiu a itens não-letais. Em 2013 a administração buscou prover a Coalizão Nacional Síria da Oposição e das Forças Revolucionárias e o Concelho Militar Sírio de alimentos e medicamentos sendo esta expandida no final de 2013 a outros produtos não letais e serviços. Já em 2014 foi atribuído ao Departamento de Estado a entrega de alimentos, equipamentos médicos, veículos e entregas planejadas de equipamentos de acesso à satélites, computadores, equipamentos de comunicação via rádio e kits médicos para elementos moderados da Coalizão Nacional Síria. Entretanto devido a dificuldades na entrega e monitoramento do auxílio oriundas do fechamento de fronteiras e a lutas alguns dos equipamentos destinados aos grupos opositores caíram nas mãos de grupos extremistas (HUMUD; NIKITIN, 2015).

Com o estabelecimento do programa de treinamento os Estados Unidos aprofundaram seu envolvimento com o suporte aos grupos rebeldes. Algumas centenas de treinadores militares e um número similar de pessoal de apoio foram incluídos no

---

<sup>29</sup> Tradução livre da autora: Questões políticas e estratégicas significativas podem ser levantadas por propostas que iriam beneficiar alguns atores não estatais relativos a governos nacionais (como grupos Curdos) ou que poderiam imprevisivelmente alterar dinâmicas prevalecentes entre os adversários na Síria. Opositores a um maior envolvimento ou suporte estadunidense aos combatentes sírios argumentam que os Estados Unidos não podem garantir que a assistência material providenciada não irá cair nas mãos de grupos extremistas ou do governo Assad. Outros temem que ao armar e treinar a oposição Síria publicamente ou dar suporte a tais forças em campo, os Estados Unidos possam estar fazendo de si mesmo um combatente na Guerra Civil Síria. Outros ainda argumentam que os maiores precedentes internacionais dados pela assistência dos EUA ou pela intervenção a favor de membros treinados da oposição mine um suporte maior dos EUA pelos princípios de não intervenção e soberania ou objetivos políticos em conflitos específicos.

programa, cujo foi autorizado a treinar e equipar grupos selecionados para a luta contra o Estado Islâmico e promover as condições necessárias para um acordo que daria fim ao conflito, sendo este programa originalmente designado a recrutar, treinar e equipar uma força de 5400 sírios por ano durante três anos tendo este caído em escrutínio devido a relatos de que armas e equipamentos haviam sido desviados:

The program has come under renewed scrutiny in the wake of reports that some of the small number of U.S. trainees that have completed the program have quit and others may have turned over equipment and weaponry to Jabhat al Nusra, the Al Qaeda affiliate that controls much of Idlib Province in northwest Syria. As of October 2015, U.S. officials reported that the program had produced 124 graduates, 70 of whom had returned to Syria in September 2015 (HUMUD; NIKITIN, 2015).<sup>30</sup>

Já em 2015, o governo de Obama anunciou uma mudança significativa nos planos de equipamento de grupos rebeldes em que deixariam de equipar grupos internos da Síria para treinar e equipar novas unidades em países vizinhos embora este curso de ação traga alguns riscos:

The comprehensive training approach under the program's first iteration sought to create unit cohesion, groom and support reliable leaders to serve as U.S. partners, and inculcate a spirit of nationalist motivation among fighters in the place of local, sectarian, or ideological goals. The new approach could more rapidly and effectively equip anti-IS forces in some areas of Syria, but may entail some loss of opportunity to shape the development and practices of opposition forces that may play an important role in providing security in Syria for years to come. Moreover, the new emphasis on equipping units commanded by vetted leaders raises questions as to whether all members of a unit receiving U.S. weapons will be individually vetted going forward, particularly as group membership fluctuates in the course of the conflict. Increased reliance on vetted group leaders may reduce U.S. visibility and influence over which individual fighters receive U.S. weapons (HUMUD; NIKITIN, texto digital, 2015).<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Tradução livre da autora: O programa caiu sob um renovado escrutínio em consequência a relatórios em que se dizia que um pequeno número de formandos dos Estados Unidos tenha concluído o programa e desistiram e que outros poderiam ter entregue equipamentos e armamentos para a Jabhat al Nusra, filial da Al-Qaeda que controla grande parte da Província de Idlib, no noroeste da Síria. Em outubro de 2015, as autoridades dos EUA informaram que o programa havia produzido 124 graduados, 70 dos quais haviam retornado à Síria em setembro 2015

<sup>31</sup> Tradução livre da autora: A abordagem de treinamento abrangente de acordo com a primeira iteração do programa procurou criar coesão da unidade, preparar e apoiar os líderes de confiança para servir como parceiros norte-americanos, e inculcar um espírito de motivação nacionalista entre os combatentes no lugar de metas locais, sectárias ou ideológicas. A nova abordagem poderia ser mais rápida e eficaz para equipar as forças anti- Estado Islâmico em algumas áreas da Síria, mas poderia implicar certas perdas de

Embora os oficiais dos Estados Unidos não tenham reconhecido publicamente nenhuma ação em que rebeldes sírios tenham recebido treinamento, suporte ou quais tipos de equipamento e armamentos, vídeos foram liberados por diversos grupos anti-Assad em que seus operativos disparavam armas e anti tanques que pareciam ter como origem os Estados Unidos (HUMUD; NIKITIN, 2015).

### 3.3 A Rússia

A Síria, a partir do governo de Hafez al Assad manteve relações estreitas com a União Soviética, devido a ideologia do partido Baath ser de origem socialista, como também em função das relações pessoais que Hafez manteve com o país e devido ao período em que o mesmo viveu na URSS (ZAHREDINNE, 2013). Tais relações trouxeram diversos benefícios a ambos os países:

Estas boas relações permitiram um aumento do comércio, de alianças estratégicas militares, da importação de equipamento militar soviético, bem como do apoio político da União Soviética em caso de crises severas, como por exemplo, na Guerra do Yon Kippur em 1973. Por outro lado, a União Soviética obteve acesso ao mediterrâneo oriental a partir do Porto de Tartus, e mantinha uma importante zona de influência na região (ZAHREDINNE, texto digital, 2013).

Já a partir da Primavera Árabe, Moscou se mostrou cética às transformações no mundo Árabe vendo mudanças como disruptivas ao invés de movimentos democráticos:

It sees these changes as fraught with danger to the regional order and calculates that they will undermine the strength of the Arab states. It has read the Syrian uprising as a militant challenge against state authority that should legitimately be confronted by all means, as Russia is doing in the North Caucasus (HOKAYEM, 2013, p.173).<sup>32</sup>

---

oportunidade de moldar o desenvolvimento e práticas das forças de oposição que poderiam desempenhar um papel importante na garantia da segurança na Síria nos próximos anos. Além disso, a nova ênfase em equipar unidades comandadas por líderes controlados levanta questões quanto ao facto de todos os membros de uma unidade de recebendo armas dos EUA irão ser controlados individualmente no futuro, particularmente enquanto os membros de grupo variam no decorrer do conflito. A crescente dependência de líderes de grupos controlados poderia reduzir a visibilidade e influência dos EUA dos quais combatentes individuais recebem armas.

<sup>32</sup> Tradução livre da autora: Ela vê estas mudanças como repletas de perigos à ordem regional e calcula



Como forma de defesa de seus interesses na região, a Rússia tem adotado como estratégia, junto com a China, o veto a resoluções do Conselho de Segurança da ONU, o boicote a ações de grupos contrários a seus interesses. Sendo este apoio vital para a sobrevivência do regime de Assad, embora as relações entre ambos os países tenham sofrido com o colapso da União Soviética (HOKAYEM, 2013). A Rússia defendeu um tratamento diplomático por parte da comunidade internacional na crise síria, pois,

In contrast to the Libya crisis, in the case of Syria Russia tried to constrain Security Council involvement from the outset. In June 2011 it claimed, in language with legal implications, that ‘the situation does not present a threat to international peace and security’. Rather, ‘quite considerable consequences for the Middle East region’ could result exactly from interference in Syrian internal affairs. Moscow has remained adamant that it will block any possible track towards a UN Chapter VII intervention and block even sanctions against Syria that might move in that direction. Instead, Moscow presented the approach taken to the political crisis in Yemen as a possible model for response in the Syrian case. In Yemen, in the Russian interpretation, ‘all the external players worked extremely patiently and persistently with all the sides, without ultimatums, encouraging them to compromise’ (ALISSON, texto digital, 2013).<sup>33</sup>

Para Hokayem (2013) são quatro as razões pelas quais Moscou tem auxiliado o governo de Bashar al-Assad. Em primeiro lugar estando a defesa dos princípios de soberania, tomando como primeira e principal razão o princípio legal de defesa do conceito de não-intervenção nos assuntos de Estados soberanos e o do papel do Conselho de Segurança das Nações Unidas:

---

de que elas irão debilitar a força dos Estados Árabes. Ela leu a revolta Síria como um desafio militante contra a autoridade estatal que deveria legitimamente ser confrontado por todos os meios, assim como a Rússia está fazendo no Norte do Cáucaso.

<sup>33</sup> Tradução livre da autora: Em contraste com a crise libanesa, no caso da Síria a Rússia tentou compelir o envolvimento do Conselho de Segurança desde o princípio. Em junho de 2011 afirmou, em uma linguagem com implicações legais, que “a situação não apresenta ameaça à paz e segurança internacional. Mais provavelmente, poderia resultar “consequências consideráveis para a região do Oriente Médio” exatamente devido a interferência nos assuntos internos sírios. Moscou se manteve inflexível nos bloqueios frente a qualquer intervenção pela ONU sob o Capítulo VII e bloquear até sanções a Síria que pudessem se mover em tal direção. Ao invés disso, Moscou se demonstrou interessada em uma iniciativa como a tomada na crise política no Iêmen como uma possível resposta ao caso da Síria. No Iêmen, na interpretação russa, “todos os atores externos trabalharam de forma extremamente paciente e persistente com todos os outros lados, sem ultimatoss, encorajando-os a se comprometer”.

Russia sees these principles as cornerstones of a fair international order that is coming under relentless Western assault. After a decade of weakness and decline, Russia's rationale extends to the issue of national pride and global standing: its success in protecting Assad or brokering a political transition that preserves its interests in Syria amounts to a test of its credibility in the Arab world and beyond. (HOKAYEM, 2013, p.172)<sup>34</sup>

Em conjunto com esta visão, somam-se a desconfiança quanto as motivações de Washington, vendo a política ocidental como uma busca por benefícios estratégicos a partir das revoluções Árabes; o ressentimento russo sobre a forma que o Ocidente interpretou a Resolução 1973 do Conselho de Segurança para suportar os rebeldes libaneses e derrubar o regime de Gaddafi e o medo por parte da Rússia de que o Ocidente poderia se utilizar de tal precedente à intervenção nos territórios da antiga URSS (HOKAYEM, 2013).

Enquanto os países que desejavam a saída de Assad do governo organizavam o apoio informal à oposição síria através do Grupo de Amigos do Povo Sírio<sup>35</sup> - que, primariamente, foi designado a fortalecer a Coalizão Nacional Síria da Oposição e das Forças Revolucionárias através de suporte material – a Rússia e a China boicotavam os esforços argumentando que a exclusão do governo Sírio, a compreensão de grupos simpáticos à rebelião armada e a insistência na saída de Assad, tornavam ainda mais complicada uma solução política e que este processo poderia legitimar intervenções armadas fora do direito internacional (HOKAYEM, 2013).

Segundo Alisson (2013) para a Rússia o Conselho Nacional Sírio não tinha um poder decisivo, sendo marcado como apenas um grupo de intelectuais expatriados pró-ocidentais e antigos políticos, embora tenha mantido contato limitado com eles. Moscou olhava de modo muito mais favorável a oponentes seculares do governo Sírio, como o Comitê Nacional de Coordenação para a Mudança Democrática, a qual estava

---

<sup>34</sup> Tradução livre da autora: A Rússia vê estes princípios como fundamentos de uma ordem internacional justa que está sob o ataque implacável do Ocidente. Depois de uma década de fraqueza e declínio, o raciocínio russo se estende aos temas de orgulho nacional e posicionamento global: seu sucesso em proteger Assad ou intermediar a transição política que preservasse seus interesses na Síria eleva-se a um teste de sua credibilidade no mundo Árabe e além.

<sup>35</sup> Grupo de Amigos do Povo Sírio: é um grupo informal reunido pela primeira vez na Tunísia em fevereiro de 2012. Foi primariamente criado para fortalecer e estimular o Conselho Nacional Sírio, que foi oficialmente reconhecido como o “representante legítimo” da população Síria em abril de 2012 (Hokayem, 2013).

mais propensa a aceitar o diálogo com o regime. Por outro lado, oficiais russos condenavam o Exército Livre Sírio como um grupo de extremistas e islamistas.

O segundo ponto levantado por Hokayem (2013) é o de que Moscou considera o apoio ocidental às revoluções Árabes imaturo e equivocado, demonstrando ingenuidade sobre os riscos postos pelos movimentos islâmicos. Este argumento se relaciona com o fato de que a Rússia teve diversas dificuldades na contenção de insurgências islâmicas no Cáucaso além do terrorismo que chegou a alcançar grandes cidades da Rússia Europeia e hoje teme que ganhos Islâmicos no mundo Árabe possam inspirar a renovação de grupos no Cáucaso.

Em terceiro lugar são colocados os interesses russos no Oriente Médio, dentre os políticos são destacados o aumento da importância da Síria como um dos seus únicos aliados na região após a queda do regime de Gaddafi e a importância deste país nas relações com o Teerã, que influencia questões relacionadas ao Irã –outro de seus aliados no Oriente Médio. Por outro lado, a Rússia teme que seus interesses possam não mais serem satisfeitos com a queda de Bashar, destacando-se dentre estes o uso da base naval em Tartus que permite a Rússia manter a presença no Mediterrâneo e a continuidade das vendas de armamentos e equipamentos militares para o país (HOKAYEM, 2013).

A quarta dimensão apontada por Hokayem (2013) como influente nos laços entre a Síria e a Rússia são as comunidades de Sírios que mantêm relações com a Rússia em conjunto à solidariedade religiosa devido ao fato de que a maioria dos Cristãos no país fazem parte da Igreja Ortodoxa e, a partir do momento em que a Rússia moderna assumiu sua identidade Ortodoxa, ela também assumiu internacionalmente o papel de protetor desta vertente religiosa. Tais laços deram a Moscou papel central na promoção de negociações:

The different layers of its ties to Syria mean that Russia has been keen to promote a negotiated political solution, even as it has refused the resignation of Assad as a precondition to talks. After initially denouncing important Syrian opposition groups as illegitimate, Moscow called for national reconciliation between all parties (including Assad). It has engaged the whole range of Syrian opposition groups (including the SNC and, more frequently, more accommodationist groups like the NCC), but signaled no willingness to shift on the fundamental question of Assad's fate (HOKAYEM, 2013, p.175)<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Tradução livre da autora: As diferentes camadas de seus laços com a Síria fizeram com que a Rússia teve que se esforçar para promover uma solução política negociada, mesmo que ela negasse a renúncia de Assad como pré-condição para negociações. Depois de inicialmente denunciar grupos de oposição sírios

Enquanto o governo de Putin busca soluções que beneficiem seus interesses a estratégia adotada pela Rússia tem sido a de conter a crise através da ONU, destacando a falta de visão política ocidental, o possível caráter Islamista e jihadista da rebelião e enfatizando a hipocrisia dos Estados do Golfo e da Turquia em acomodar e armar a oposição. Graças ao seu poder de veto no Conselho de Segurança das Nações Unidas e sua associação com a China, a Rússia tem sido hábil em impossibilitar a adoção de resoluções que busquem a saída de Assad. Embora ainda demonstrasse seu descontentamento ao governo Assad em alguns momentos a Rússia continuou a suprir o regime com materiais bélicos:

Nonetheless, Russia has continued to supply the Syrian military with weaponry and ammunition, including refurbished helicopters and other high-tech systems. Faced with international outrage, Moscow protested that these deliveries were part of existing military contracts it would honour. [...] Russian material support has become crucial to the Assad regime's viability as its resources shrink. Russian motivations in proving such a lifeline are complex and double-edged: it provides leverage and access, and buttresses its credibility as a partner, but antagonizes the Syrian opposition and much of the Arab world. (HOKAYEM, 2013, p. 177)<sup>37</sup>

Já para Alisson (2013) a posição russa pode ser parcialmente explicada como mais uma expressão da aversão ou medo de Moscou as intervenções militares lideradas pelo ocidente embora estas sejam insuficientes para explicar sua política tangente a Síria e que seu posicionamento foi influenciado pela rebelião na Líbia:

---

importantes como ilegítimos, Moscou buscou à reconciliação nacional entre todas as partes (incluindo Assad). Ela se envolveu com todo o conjunto de grupos de oposição sírios (incluindo o CNS e, mais frequentemente, os grupos mais comodistas como o CNCMD), mas não sinalizando nenhuma vontade de mudar a questão fundamental do destino de Assad.

<sup>37</sup> Tradução livre da autora: Não obstante, a Rússia continuou a suprir os militares sírios com armas e munição, incluindo helicópteros reformados e outros sistemas de alta tecnologia. Confrontado com a indignação internacional, Moscou protestou afirmando que estas entregas eram parte de contratos militares existentes que honraria. [...] O apoio material russo tornou-se crucial para a viabilidade do regime de Assad enquanto seus recursos diminuía. As motivações russas em demonstrar tal linha são complexas e de dois gumes: ela fornece a alavancagem e acesso, e contrapõem sua credibilidade como parceiro, mas antagoniza a oposição síria e grande parte do mundo árabe.

Outlining Russian grievances over the conflict in Libya, we find at their heart a narrative on the illegitimacy of externally promoted regime change. It is a narrative centred on the principle of territorial sovereignty, which rejects the notion that states can be held subject to standards of political legitimacy devised in western capitals. This repudiation spilled forward into the diplomatic wrangling over the emerging Syrian crisis and was reinforced and codified as Putin re-emerged as Russian president. The Russian foreign ministry's foreign policy concept, published in February 2013, scorned ideas 'that are being implemented... aimed at overthrowing legitimate authorities in sovereign states under the pretext of protecting the civilian population'. It called efforts to 'manage crises through unilateral sanctions and other coercive measures' a risk to world peace and stability (ALISSON, 2013, texto digital).<sup>38</sup>

Além disto outros três fatores são relevantes para Alisson (2013) no que diz respeito aos motivos que levaram a Rússia a se tornar uma das partes envolvidas no conflito: (1) a identidade e afinidade histórica compartilhada entre Moscou e Damasco; (2) os interesses materiais russos em relações bilaterais com a Síria e seus interesses geopolíticos nos jogos de poder nas proximidades da Síria; (3) os crescentes ameaças de expansão ou insurgência de redes terroristas, principalmente no Norte do Cáucaso e a percepção das controvérsias sobre a mudança de regime na Síria como outro exemplo da comunidade ocidental desafiando a legitimidade política de um Estado autoritário e liderança.

### 3.4 CONCLUSÕES PARCIAIS

Podem-se identificar como principais motivos a atuação estadunidense nesta guerra civil três pontos, nomeadamente: a) responsabilidade de proteger, definida em relação aos direitos humanos; b) a diminuição da zona de influência russa; e c) reforçar

---

<sup>38</sup> Tradução livre da autora: Delineando as queixas russas sobre o conflito na Líbia, encontramos em seu coração uma narrativa sobre a ilegitimidade de uma mudança de regime promovida externamente. É uma narrativa centrada no princípio de soberania territorial, a qual rejeita a noção de que Estados podem ser sujeitos de padrões de legitimidade política idealizada em capitais ocidentais. Este repúdio derramou-se sobre a crise diplomática sobre a emergente crise síria e foi reforçada e codificada quando Putin reemergiu como presidente russo. O conceito de política externa do Ministério das Relações Exteriores russo, publicado em Fevereiro de 2013, desdenhou as ideias que estão sendo implementadas ... destinadas a derrubar autoridades legítimas em Estados soberanos sob o pretexto de proteger a população civil ". Ele chamou esforços de "gerenciamento de crises através de sanções unilaterais e outras medidas coercitivas" um risco para a paz e estabilidade do mundo.

sua presença na região. Para a intervenção russa, destacam-se quatro pontos: a) a identidade e afinidade histórica compartilhada entre Moscou e Damasco; b) os interesses materiais russos em relações bilaterais com a Síria e seus interesses geopolíticos; c) as crescentes ameaças de expansão ou insurgência de redes terroristas; e d) defesa do preceito de soberania e não intervenção de forma geral e, em especial, nos antigos territórios da URSS.

Para compreender a lógica que permeia a atuação de ambos Estados, analisa-se no capítulo 4 a relação entre Estados Unidos e Rússia através da teoria da Balança de Poder através do realismo ofensivo de Mearsheimer.

## **4 RELAÇÕES DE PODER ENTRE ESTADOS UNIDOS E RÚSSIA**

Após ser apresentado um panorama histórico da Síria e da guerra civil, além dos interesses das potências envolvidas, é imperativo analisar a conjuntura recente da relação entre a Rússia e os Estados Unidos. Para isto, utiliza-se a teoria realista de Relações Internacionais sob a perspectiva ofensiva de John Mearsheimer (2001). Sendo assim, a primeira parte deste capítulo apresenta resumidamente a política externa de ambas potências em relação uma a outra, desde a Guerra Fria. A segunda parte analisa a balança de poder entre os Estados Unidos e a Rússia em relação à guerra civil Síria.

### **4.1 Relações entre Estados Unidos e Rússia ou União Soviética na Guerra Fria**

Em sua história, segundo Mearsheimer (2001), a Rússia em vários momentos adota um comportamento expansionista, sendo o “Império Russo”, como emergiu em 1917, produto de séculos de expansão. Tal comportamento, para o autor, tem raízes na crença dos governantes de que o território seria vulnerável a invasões e que, portanto, dever-se-ia expandir as fronteiras russas de forma a evitá-las. Ainda quando sob dominação soviética, este comportamento manteve-se, permitindo a política externa fosse orientada, em muitos momentos, por cálculos tangentes ao poder relativo, e não a ideologia comunista:

Soviet leaders were also interested in expanding into the Persian Gulf region, especially into oil-rich Iran, which shared a border with the Soviet Union. Finally, during the Cold War, Soviet policymakers were determined to win allies and gain influence in virtually every area of the Third World, including Africa, Latin America, the Middle East, Southeast Asia, and the South Asia subcontinent. Moscow was not bent on conquering and controlling territory in those less-

developed regions, however. Instead, it sought client states that would be useful in its global competition with the United States (MEARSHEIMER, 2001, p.193).<sup>39</sup>

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos pretendiam retirar suas tropas imediatamente, deixando apenas pequenas ocupações para policiar a Alemanha, assim como foi feito após a Primeira Guerra Mundial (MEARSHEIMER, 2001). Entretanto, com a intensificação da Guerra Fria, Washington optou por aumentar o número de tropas na Europa:

By 1950, there were only about 80,000 American troops left in Europe and they were mainly involved with occupation duty in Germany. But as the Cold War intensified in the late 1940s, the United States formed the North Atlantic Treaty Organization (1949) and eventually made a commitment to remain in Europe and substantially increase its fighting forces in the continent (1950). By 1953, 427,000 American troops were stationed in Europe, which was the high-water mark for the Cold War. The United States also deployed about seven thousand nuclear weapons on European soil during the 1950s and early 1960s. Although there was some variation over time in American troop levels in Europe it never dipped below 300,000 (MEARSHEIMER, 2001, p. 256).<sup>40</sup>

Neste período os Estados Unidos eram o único país com poder militar suficiente para prevenir a hegemonia soviética após 1945 na Europa e Ásia, visto que o Terceiro Reich e o Japão Imperial haviam colapsado. Sem nenhuma outra grande potência que pudesse parar o Exército Vermelho tanto na Europa como no Nordeste da Ásia, os Estados Unidos se viram forçados a permanecer na região durante a Guerra Fria utilizando-se de uma estratégia de contenção, criada no início de 1946 (MEARSHEIMER, 2001). Deste modo, os Estados Unidos, motivados por seus interesses nacionais, fizeram o balanceamento frente a União Soviética:

---

<sup>39</sup>Tradução livre da autora: Líderes soviéticos também estavam interessados em expandir para a região do Golfo Pérsico, especialmente para o rico em petróleo Irã, que dividia fronteiras com a União Soviética. Finalmente, durante a Guerra Fria, formuladores de políticas soviéticos estavam determinados a ganhar aliados e ganhar influência em virtualmente todas as áreas do Terceiro Mundo, incluindo África, América Latina, Oriente Médio, e o subcontinente do Sudeste da Ásia. Moscou não estava inclinada a conquistar e controlar territórios nestas regiões menos desenvolvidas, entretanto. Ao invés disso, buscava Estados clientes que poderiam ser úteis em sua competição global com os Estados Unidos.

<sup>40</sup> Tradução livre da autora: Em 1950, haviam apenas cerca de 80,000 tropas americanas na Europa e estas estavam majoritariamente envolvidas com serviço de ocupação na Alemanha. Mas conforme a Guerra Fria se intensificou ao final dos anos 1940, os Estados Unidos formaram a Organização do Tratado do Atlântico Norte (1949) e eventualmente se comprometeu a permanecer na Europa e aumentar substancialmente suas forças de combate no continente (1950). Em 1953, 427,000 tropas americanas estavam estacionadas na Europa, o que foi um ponto alto para a Guerra Fria. Os Estados Unidos também implantaram cerca de sete mil armas nucleares em solo europeu durante os anos de 1950 e início dos anos de 1960. Embora houve algumas variações nos níveis de tropas americanas na Europa, eles nunca ficaram abaixo de 300,000.



The United States balanced with such alacrity and effectiveness because it was in America's national interest to prevent Soviet Union from dominating Europe and Northeast Asia, and because there was no other great power that could contain the Soviet army in the bipolar world of the mid-1940s (MEARSHEIMER, 2001, p. 323)<sup>41</sup>.

Segundo Mearsheimer (2001), ao princípio da Guerra Fria o expansionismo soviético se direcionou ao Oriente Médio. Ao princípio tomando como alvos importantes o Irã e a região leste do Mediterrâneo, em especial a Turquia a fim de criar bases em Dardanelos e, consequentemente, obter acesso naval ao Mar Mediterrâneo. Quando os Estados Unidos perceberam que a Grã-Bretanha não tinha uma economia forte o suficiente para conter a União Soviética na região, foi criada a Doutrina Truman a partir do argumento de que “it was time for the United States to stand up to the threat of communism, not just in the Mediterranean, but all around the globe” (MEARSHEIMER, 2001, p.324)<sup>42</sup>. Para ir ao encontro a este argumento, os EUA construíram diversas estruturas de detenção para conter os soviéticos em regiões decisivas.

The United States built formidable deterrent structures in Europe, Northeast Asia, and the Persian Gulf that kept the Soviets at bay in those critically important areas from 1950 until 1990. The only places that the Soviets could expand during those four decades were in the Third World, where not only were the gains dubious, but the United States met the Soviets at every turn (MEARSHEIMER, 2001, p.326).<sup>43</sup>

A partir do colapso da União Soviética, pensou-se que esta seguiria os passos de Mikhail Gorbachev e, assim, seguiria uma política que não fosse baseada na busca por poder visto que este fazia a Rússia menos segura. Através deste preceito, acreditava-se que a Rússia trabalharia com os Estados Unidos e os seus aliados da OTAN para criar uma ordem pacífica pela Europa. Entretanto, não foi isto que aconteceu (MEARSHEIMER, 2001, p. 378). Após a Guerra Fria, em consequência as ações da OTAN, a Rússia passa a adotar uma política realista:

---

<sup>41</sup> Tradução livre da autora: Os Estados Unidos balancearam com tamanha espontaneidade e eficiência porque era um interesse americano prevenir que a União Soviética dominasse a Europa e o Nordeste da Ásia, e porque não havia nenhuma outra grande potência que pudesse prevenir o exército soviético no mundo bipolar da década de 1940.

<sup>42</sup> Tradução livre da autora: era a hora dos Estados Unidos se levantar frente a ameaça comunista, não apenas no Mediterrâneo, mas por todo o mundo.

<sup>43</sup> Tradução livre da autora: Os Estados Unidos construíram estruturas de detenção na Europa, Nordeste da Ásia e Golfo Pérsico que mantiveram os soviéticos à parte destas áreas críticas de 1950 até 1990. Os únicos lugares para os quais o Soviéticos poderiam expandir durante estas quatro décadas eram no Terceiro Mundo, onde os ganhos eram duvidosos, mas os Estados Unidos enfrentavam os Soviéticos em todos os momentos.

But it was not what happened. NATO's actions in the Balkans and its expansion eastward have angered and scared the Russians, who now view the world clearly through realist lenses and do not even pay lip service to the idea of working with the West to build what Gorbachev called "a common European home." Russia's hardheaded view of its external environment is reflected in "The National Security Concept of the Russian Federation," a seminal policy document that Russian president Vladimir Putin signed in January 10, 2000. "The formation of international relations," it states, "is accompanied by competition and also by the aspiration of a number of states to strengthen their influence on global politics, including by creating weapons of mass destruction. Military force and violence remain substantial aspects of international relations" (MEARSHEIMER, 2001, p.378).<sup>44</sup>.

Em 1993 a Rússia também tornou claro que iniciaria uma guerra nuclear caso a integridade de seu território fosse ameaçada, abandonando o posicionamento da União Soviética de que não seria o primeiro país a utilizar armamentos nucleares em uma guerra. Entretanto, devido a sua fraqueza econômica e militar, a Rússia poderia fazer pouco fora de seus limites para desafiar os Estados Unidos em relação a problemas como a expansão da OTAN, ou sua política nos Balcãs, mas continuou a manter claro que estaria disposta a entrar em guerra caso achasse que seus interesses vitais estivessem sendo ameaçados (MEARSHEIMER, 2001, p.378-9).

#### **4.3 Balança de poder**

Para o Realismo, as grandes potências estão sempre em busca de poder a fim de se tornar um *hegemon*<sup>45</sup>, seu objetivo final junto a sobrevivência. Neste sentido, o sistema internacional encoraja os Estados a procurarem por oportunidades de maximizar seu poder frente a outros países, sempre agindo de acordo com seus próprios interesses:

---

<sup>44</sup> Tradução livre da autora: Mas não foi isto que aconteceu. As ações da OTAN nos Balcãs e sua expansão para o leste enraivecaram e assustaram os russos, que agora viam o mundo claramente por lentes realistas e nem se davam ao trabalho de acreditar nas alegações sobre a ideia de trabalhar com o Ocidente para construir o que Gorbachev chamou de "uma casa europeia comum". A visão pragmática russa do ambiente externo é refletida no "Conceito de Segurança Nacional da Federação Russa", um documento seminal que o presidente russo Vladimir Putin assinou em 10 de janeiro de 2000. "A formação das relações internacionais," ele afirma, "é acompanhada pela competição e também pela aspiração de um número de Estados em fortalecer sua influência nas políticas globais, incluindo através da criação de armas de destruição em massa. Força militar e violência continuam aspectos substanciais nas políticas globais".

<sup>45</sup> Um hegemon é um Estado que é tão poderoso que domina todos os demais Estados do sistema. Nenhum outro detém a capacidade militar de travar uma luta séria contra este, assim, um hegemon é considerado a única grande potência do sistema (MEARSHEIMER, 2001).

States operating in a self-help world almost always act according to their own self-interest and do not subordinate their interests to the interests of other states, or to the interests of the so-called international community. The reason is simple: it pays to be selfish in a self-help world. This is true in the short term as well as in the long term, because if a state loses in the short run, it might now be around for the long haul<sup>46</sup> (MEARSHEIMER, 2001, p.33).

Assim, os Estados, conscientes das intenções dos outros e do sistema de auto-ajuda em que operam, rapidamente entendem que a melhor estratégia para a sobrevivência é se tornar o Estado mais poderoso do sistema pois, quanto mais poder este detiver em relação aos seus rivais mais improvável se torna um ataque inimigo ou o surgimento de ameaças a sua sobrevivência. Portanto, os Estados mantêm sua atenção sobre a distribuição de poder entre eles:

Consequently, states pay close attention to how power is distributed among them, and they make a special effort to maximize their share of world power. Specifically, they look for opportunities to alter the balance of power by acquiring additional increments of power at the expense of potential rivals<sup>47</sup> (MEARSHEIMER, 2001, p.34).

Ainda que uma grande potência adquira vantagem militar sob seus rivais, esta continua a procurar por mais chances de adquirir maior poder. Os Estados estão sempre conscientes de que os demais também são influenciados por esta lógica, levando-os a não apenas buscar por oportunidades de garantir ganhos sobre os outros, mas, também, buscam garantir que estes demais não adquiram vantagens sobre eles próprios.

No cenário atual, é extremamente improvável que um Estado adquira uma clara superioridade nuclear e, portanto, a hegemonia global:

Except for the unlikely event wherein one state achieves clear-cut nuclear superiority, it is virtually impossible for any state to achieve global hegemony. The principal impediment to world domination is the difficulty of projecting power

---

<sup>46</sup> Tradução livre da autora: Estados operando em um mundo de autoajuda quase sempre agem de acordo com seus próprios interesses e não subordinam seus interesses aos interesses de outros Estados, ou aos interesses da assim chamada comunidade internacional. A razão é simples: é vantajoso ser egoísta em um mundo de autoajuda. Isto é verdadeiro tanto a curto prazo quanto a longo, por que se um Estado perder no curto prazo, ele pode não estar mais presente para o longo.

<sup>47</sup> Tradução livre da autora: Consequentemente, Estados prestam muita atenção em como o poder é distribuído entre eles e fazem um esforço especial para maximizar sua parcela de poder mundial. Especialmente, eles buscam por oportunidades de alterar a balança de poder através da aquisição de incrementos de poder ao custo de rivais em potencial.

across the world's oceans onto the territory of a rival great power<sup>48</sup> (MEARSHEIMER, 2001, p.41).

Entretanto, pode-se aplicar o conceito de hegemonia regional, de acordo com suas distintas regiões geográficas:

It is possible, however, to apply the concept of a system more narrowly and use it to describe particular regions, such as Europe, Northeast Asia, and the Western Hemisphere. Thus, one can distinguish between *global hegemons*, which dominate the world, and *regional hegemons*, which dominate distinct geographical areas<sup>49</sup> (MEARSHEIMER, 2001, p.40).

Portanto, de acordo com Mearsheimer (2001), o melhor resultado para uma grande potência é se tornar um *hegemon* regional e possivelmente controlar outra região que esteja próxima ou que seja acessível por terra. Ainda assim, estes Estados que adquirem a hegemonia regional ainda devem ser cautelosos quanto a outras potências localizadas em outras regiões do mundo que aspirem um papel hegemônico em suas respectivas regiões:

States that achieve regional hegemony seek to prevent great powers in other regions from duplicating their feat. Thus the United States, for example, prevented played a key role in preventing imperial Japan, Wilhelmine Germany, Nazi Germany, and the Soviet Union from gaining regional supremacy. Regional hegemons attempt to check aspiring hegemons in other regions because they fear that a rival great power that dominates its own region will be an especially powerful foe that is essentially free to cause trouble in the fearful great power's backyard. Regional hegemons prefer there be at least two great powers located together in other regions, because their proximity will force them to concentrate their attention on each other rather than on the distant hegemon<sup>50</sup> (MEARSHEIMER, 2001, p.41-42).

---

<sup>48</sup> Tradução livre da autora: Exceto no evento improvável de que um Estado adquira clara superioridade nuclear, é virtualmente impossível para qualquer Estado alcançar a hegemonia global. O principal impedimento a dominação mundial é a dificuldade de projetar poder através dos oceanos do mundo para o território de uma grande potência rival.

<sup>49</sup> Tradução livre da autora: É possível, entretanto, aplicar o conceito de sistema mais estritamente e o utilizar para descrever regiões particulares, como Europa, Nordeste da Ásia e o Hemisfério Ocidental. Portanto, pode-se distinguir entre hegemonias globais, que dominam o mundo, e hegemonias regionais, que dominam regiões geográficas distintas.

<sup>50</sup> Tradução livre da autora: Estados que alcançam a hegemonia regional buscam prevenir que outras grandes potências em outras regiões dupliquem sua façanha. Portanto os Estados Unidos, por exemplo, preventivamente tomaram um papel chave para prevenir que o Japão imperial, a Alemanha Wilhelmina, a Alemanha Nazista e a União Soviética de ganhar a supremacia regional. Hegemonias regionais tentam eliminar aspirantes a hegemonias em outras regiões por que temem que uma grande potência rival que domina sua própria região pode ser um inimigo especialmente poderoso que está essencialmente livre para causar problemas no quintal da grande potência temerosa. Hegemonias regionais preferem que estejam ao menos duas grandes potências localizadas uma próxima a outra em outras regiões, pois sua proximidade as forçara a concentrarem sua atenção uma na outra e ao invés de no distante hegemon.

A posição ideal para qualquer grande potência é ser o único *hegemon* regional do mundo, pois assim este seria uma potência em status quo. Este Estado irá agir de todas formas possíveis em sua busca de preservar a distribuição de poder existente. Segundo Mearsheimer (2001) os Estados Unidos atualmente ocupam este posicionamento:

The United States is in that enviable position today; it dominates the Western Hemisphere and there is no hegemon in any other are of the world. But if a regional hegemon is confronted by a peer competitor, it would no longer be a status quo power. Indeed, it would go to considerable lengths to weaken and maybe even destroy its distant rival. Of course, both regional hegemons would be motivated by that logic, which would make a fierce security competition between them<sup>51</sup> (MEARSHEIMER, 2001, p.42).

Deste modo, caso o *hegemon* regional existente, como os Estados Unidos, tenha a percepção de que outro *hegemon* esteja em formação, este trabalhará para evitar que isto aconteça. Assim, segundo este pensamento, os Estados Unidos agirão como balanceador *offshore* de forma a evitar que outros Estados, como a Rússia, adquiram maior poder relativo e se tornem *hegemons* regionais. Também é relevante ponderar sobre o poder das armas nucleares neste cenário, visto que elas fazem com que os Estados detentores ajam com maior relutância em suas relações com outros países que as possuem:

Because nuclear weapons can inflict devastating destruction on a rival state in a short period of time, nuclear-armed rivals are going to be reluctant to fight with each other, which means that each side will have less reason to fear the other than would otherwise be the case. But as the Cold War demonstrates, this does not mean that war between nuclear powers is no longer thinkable; they still have reason to fear each other<sup>52</sup> (MEARSHEIMER, 2001, p.44).

Embora para Mearsheimer (2001) a sobrevivência continue sendo o objetivo principal das grandes potências, na prática estas continuam em busca de outros objetivos que não sejam, necessariamente, ligados a segurança. Como exemplo, tem-se a busca contínua por prosperidade econômica de forma a garantir o bem-estar de seus cidadãos e, também, a

---

<sup>51</sup> Tradução livre da autora: Os Estados Unidos estão nesta posição invejável atualmente, eles dominam o Hemisfério Ocidental e não há outro hegemon em nenhuma parte do mundo. Mas se um hegemon regional é confrontado por um competidor do mesmo nível, este não mais seria uma potência em status quo. De fato, esta iria a consideráveis distâncias para enfraquecer ou talvez até mesmo destruir o rival. Claro que, ambos hegemons regionais seriam motivados por esta lógica, o que criaria uma forte competição securitária entre eles.

<sup>52</sup> Tradução livre da autora: Já que armas nucleares podem infligir uma destruição devastadora em um Estado rival em um curto período de tempo, rivais armados nuclearmente serão relutantes em lutar um contra o outro, o que significa que cada lado terá menos razões para temer ao outro do que teria em caso contrário. Mas assim como a Guerra Fria demonstra, isto não significa que a guerra entre potências nucleares não é concebível; elas ainda têm motivos para temer uma a outra.

promoção de determinadas ideologias pelo mundo, conforme ocorreu durante a Guerra Fria. Assim, em alguns momentos, a busca por estes objetivos não-securitários pode complementar a busca por poder relativo:

Sometimes the pursuit of non-security goals has hardly any effects on the balance of power, one way or the other. Human rights interventions usually fit this description, one way or the other. Human rights interventions usually fit this description, because they tend to be small-scale operations that cost little and do not detract from a great power's prospects for survival. For better or worse, states are rarely willing to expend blood and treasure to protect foreign populations from gross abuses, including genocide<sup>53</sup> (p.47).

Entretanto, em outros momentos, a busca por objetivos não securitários é conflitante com a lógica da balança de poder, caso no qual os Estados normalmente agem de acordo com o Realismo em suas ações, ainda que ambos detenham armas nucleares (MEARSHEIMER, 2001). Assim, as grandes potências se concentram em quatro objetivos básicos: conquistar a hegemonia regional e prevenir outros de a conquistarem; maximizar a parcela da riqueza mundial controlada; dominar a balança de poder terrestre; e buscar a superioridade nuclear sobre seus rivais.

#### **4.4 Conclusões parciais**

Seguindo os preceitos dados por Mearsheimer, pode-se concluir que tanto os Estados Unidos como a Rússia têm o interesse de que seus respectivos rivais não conquistem maior influência sobre o Oriente Médio ou que passem a ter maior controle dos recursos disponíveis na região ou em países como a Síria, visto que as potências detêm o interesse de que rivais não dominem regiões do mundo geradoras de riquezas:

Great powers also seek to prevent rival great powers from dominating the wealth-generating areas of the world.[...] Great powers sometimes attempt to dominate those region themselves, but at the very last, they try to ensure that none falls under the control of a rival great power<sup>54</sup> (MEARSHEIMER, 2001, p.144).

---

<sup>53</sup> Tradução livre da autora: Algumas vezes a busca por objetivos não-securitários não tem nenhum efeito na balança de poder, de uma maneira ou de outra. Intervenções humanitárias normalmente cabem nesta descrição, de um modo ou outro. Intervenções humanitárias normalmente cabem nesta descrição, por que tendem a ser operações de pequena escala que custam pouco e não prejudicam as perspectivas de sobrevivência de uma grande potência. Para melhor ou pior, Estados estão raramente dispostos a gastar sangue e riquezas para proteger populações estrangeiras de abusos grosseiros, incluindo genocídio.

<sup>54</sup>Tradução livre da autora: Grandes potências também procuram prevenir que grandes potências rivais dominem as regiões geradoras de riquezas do mundo. [...] Grandes potências as vezes tentam dominar estas regiões elas mesmas, mas no fim, tentam garantir que nenhuma caia sob o controle de uma grande potência rival.

Como o sistema internacional não é unipolar, embora os Estados Unidos seja um *hegemon* no Hemisfério Ocidental devido a sua preponderância em quesitos econômicos e militares única, os americanos ainda devem se preocupar com outras duas potências no mundo: a Rússia e a China que, embora não tenham tamanho poder, possuem arsenais nucleares, a capacidade de contestar e desarmar uma invasão americana de seus territórios e poder de projeção limitado. Além disso, quase nenhuma evidência indica que os Estados Unidos tentem se tornar uma hegemonia global embora esteja certamente determinado a se manter como *hegemon* do Hemisfério Ocidental (MEARSHEIMER, 2001).

Para que a balança regional não seja desequilibrada e para permitir que seus interesses sejam mantidos, ambas atuam no cenário regional justificando suas intervenções, entretanto, devido a posse de armas nucleares por parte de ambas as potências e devido aos altos custos que uma intervenção por terra geraria, pouco se tem feito, em especial pelos Estados Unidos, para a resolução do problema. Pois, assim como afirma Mearsheimer (2001) as grandes potências não estão seguras de como suas forças ou a de seus inimigos atuarão no campo de batalhas, tornando intervenções um negócio de alta complexidade e com resultados dúbios.

Além disso, caso alguma mudança econômica ou política fundamental ocorra em alguma das regiões e que um potencial *hegemon* emergja que as potências locais não possam conter, argumenta Mearsheimer (2001), as tropas americanas provavelmente permanecerão preparadas ou voltarão a região para fazer o balanço contra a ameaça.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na primeira parte desta monografia, mostrou-se como o contexto e as condicionantes internas da Síria permitiram e facilitaram a eclosão de uma guerra civil. Este país foi caracterizado como um Estado de grande importância geopolítica por sua localização às margens do Mediterrâneo, pelos diversos recursos naturais e por seu terreno que favorece a mobilidade a outros países de importância estratégica da região. Com uma população de múltiplas etnias e crenças, oriundas de diferentes conquistas ao longo da história do território e aprofundada durante o período de domínio francês após a desintegração do Império Turco-Otomano, em conjunto com uma crise de legitimidade em relação ao governo da família Assad por sua baixa representatividade, a eclosão da Primavera Árabe e a insurgência de grupos opositores reprimidos pelo governo de Bashar al-Assad, o país acabou por entrar em uma das mais violentas guerras civis e por incentivar o aumento da instabilidade regional.

A segunda parte apresentou os esforços feitos para se chegar a acordos sobre a paz na Síria, que acabaram por esbarrar na falta de concordância entre os países e grupos que tem atuado na região, sendo isto explicado pelos interesses dissonantes dos envolvidos, principalmente no que se concerne aos interesses estadunidenses e russos. Identificou-se que duas potências têm intervindo no conflito de forma direta, através de bombardeios, ou indireta, com auxílio financeiro e entrega de materiais bélicos. Identificou-se como principais motivos para a intervenção russa o fato de que a Síria é o último ponto de projeção do poder russo no Oriente Médio, servindo como corredor para o transporte de gás, petróleo e armamentos; as estreitas relações entre ambos países desde o governo de Hafez al Assad; a visão da Primavera Árabe como um movimento disruptivo ao invés de democrático; a defesa



dos princípios de soberania; a desconfiança quanto as motivações de Washington; o ressentimento russo sobre a forma que o Ocidente interpretou a Resolução 1973 do Conselho de Segurança para suportar os rebeldes libaneses e derrubar o regime de Gaddafi; e o medo por parte da Rússia de que o Ocidente poderia se utilizar de tal precedente à intervenção nos territórios da antiga URSS. Como forma de defesa de seus interesses na região, a Rússia tem adotado como estratégia, junto com a China, o veto a resoluções do Conselho de Segurança da ONU que não sejam de seu interesse, o boicote a ações de grupos contrários a seus objetivos, o suprimento de materiais bélicos ao regime de Bashar al Assad, além de, mais recentemente, suporte em ataques aéreos.

Para os Estados Unidos são identificados como principais motivos a intervenção a responsabilidade de proteger dada ao país e a manutenção da estabilidade regional, que permite a manutenção de outros interesses regionais como o acesso aos recursos petrolíferos disponíveis no Golfo; a defesa de Israel e a solução do conflito entre este e os países árabes; e a manutenção de uma situação sociopolítica favorável na região. Quanto a demora em sua atuação são destacados a visão de que a revolta Síria era inicialmente mais um incômodo do que uma ameaça estratégica e um problema de menor complexidade em comparação à outras disputas; os altos custos geopolíticos; o complexo terreno da Síria e a habilidade dos Estados ocidentais de o navegarem e manterem-se, em conjunto a fatores sócio-políticos que garantem que a intervenção seja custosa; a possibilidade da erosão do alcance do Levante do Irã; e a preocupação de que a crise Síria, seguida por um vácuo de poder e segurança, pudesse dar espaço a ideologias e atores Salafistas e jihadistas. Como estratégia, os EUA adotaram medidas que visem o armamento e treinamento de grupos rebeldes, além de seu suporte.

Em geral, os Estados Unidos favorecem a resolução do conflito através da deposição do governo de Bashar Al-Assad e a preservação das instituições do Estado Sírio. Assad e a Rússia, naturalmente, rejeitam essa visão e argumentam que as ações de contraterrorismo devem preceder a discussão de arranjos para um governo de transição.

A terceira parte da monografia traz o Realismo Ofensivo sob a ótica de Jhon Mearsheimer como forma de compreender as relações de poder e as estratégias que ambas as potências utilizam na região. Em especial, destaca-se a busca dos Estados Unidos de se manterem como único *hegemon* regional do mundo e manterem a distribuição de poder

existente, portanto, atuam para a contenção da Rússia a fim de evitar que esta adquira maior poder ou a hegemonia regional.

As conclusões deste trabalho corroboram parcialmente com a hipótese inicial de que o interesse russo se constitui no acesso a dutos e ao porto sírio para escoamento de armas, petróleo e gás, enquanto que o estadunidense se configura numa tentativa de impedir os planos de Moscou bem como o de adquirir maior poder e influência na região, visto que puderam ser identificados diversas motivações para a atuação de ambas potências no país além daqueles levantados previamente.

## REFERÊNCIAS

ALLISON, R. Russia and Syria: explaining alignment with a regime in crisis. **International Affairs**, v. 89, n. 4, p. 795-823, july/2013. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=afh&AN=89024381&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

ALVAREZ, Luciana. Entenda o que é a Irmandade Muçulmana. **Último segundo**, 10 jul. 2013. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/revoltamundoarabe/2013-07-10/entenda-o-que-e-a-irmandade-muculmana.html>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

ASSUMPÇÃO, Marcelo Neival Hillesheim de. **As causas históricas do conflito na Síria**. Escola de Comando e Estado-Maior Do Exército: Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://redebie.deceex.ensino.eb.br/vinculos/00000a/00000ad9.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

BASHAR al-Assad é reeleito para 3º mandato como presidente da Síria. **BBC News**, Brasil, jun./2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140602\\_siria\\_bashar\\_reeleito\\_hb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140602_siria_bashar_reeleito_hb)>. Acesso em: 03 abr. 2016.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação**. 3. ed. Lajeado: Ed. da Univates, 2015.

CIA: The World Factbook: Syria. **CIA World Fact Book**, v. 52, p. 721-724, jan./ 2014. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=afh&AN=110394371&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

FURTADO, Gabriela; RODER, Henrique; AGUILAR, Sergio L. C. **A Guerra Civil Síria, o**

**Oriente Médio e o Sistema Internacional.** 2014.

<<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/a-guerra-civil-siria.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

HOKAYEM, Emile. **Syria's Uprising and the Fracturing of the Levant.** Nova York: Routledge, 2013.

HOSENBALL, Mark. **Obama authorizes secret support for Syrian rebels.** Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-usa-syria-obama-order-idUSBRE8701OK20120802>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

HUMUD, Carla E.; BLANCHARD, Christopher M.; NIKITIN, Mary Beth D. **Armed Conflict in Syria: Overview and U.S. Response.** 2015. Disponível em: <<https://www.fas.org/sgp/crs/mideast/RL33487.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

KIMBALL, Daryl; DAVENPORT, Kelsey. **Timeline of Syrian Chemical Weapons Activity, 2012-2017.** Disponível em: <<https://www.armscontrol.org/factsheets/Timeline-of-Syrian-Chemical-Weapons-Activity>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

KISSINGER, Henry. **A Ordem Mundial.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

LONDOÑO, Ernesto; MILLER, Greg. **CIA begins weapons delivery to Syrian rebels.** Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/world/national-security/cia-begins-weapons-delivery-to-syrian-rebels/2013/09/11/9fcf2ed8-1b0c-11e3-a628-7e6dde8f889d\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/national-security/cia-begins-weapons-delivery-to-syrian-rebels/2013/09/11/9fcf2ed8-1b0c-11e3-a628-7e6dde8f889d_story.html)>. Acesso em: 02 abr. 2016.

MAPA Político da Síria. **Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil.** Disponível em: <[http://2.bp.blogspot.com/-hTZkhBDyhFE/UA67fUv0diI/AAAAAAAAADm4/o1HJUHZHv2s/s400/siria\\_mapa\\_port.png](http://2.bp.blogspot.com/-hTZkhBDyhFE/UA67fUv0diI/AAAAAAAAADm4/o1HJUHZHv2s/s400/siria_mapa_port.png)>. Acesso em: 15 abr. 2016.

MARINHO, Henrique Jorge Medeiros. **O estudo das Relações Internacionais: teorias e realidade.** São Paulo: Aduaneiras, 2008.

MCKELVEY, Tara. **Arming Syrian rebels: Where the US went wrong.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/magazine-33997408>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

MEARSHEIMER, JJ. **The tragedy of great power politics.** New York: W. W. Norton & Company, 2001.

MINORITY Rule. **National Geographic.** 2016. Disponível em: <<http://ngm.nationalgeographic.com/2009/11/syria/syria-map/>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

OLIVA, Jaime; GIANANTI, Roberto. **Espaço e modernidade: temas da Geografia mundial.** São Paulo: Atual, 1995.

PUBLIC INTERNATIONAL LAW & POLICY GROUP. **Humanitarian Intervention in Syria: The Legal Basis.** 2012. Disponível em: <<http://publicinternationallawandpolicygroup.org/wp-content/uploads/2012/08/PILPG-The-Legal-Basis-for-Humanitarian-Intervention-in-Syria.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2015.

R7. **EUA iniciam com países aliados os ataques aéreos contra o Estado Islâmico na Síria.** Disponível em: <<http://noticias.r7.com/internacional/eua-iniciam-com-paises-aliados-os-ataques-aereos-contra-o-estado-islamico-na-siria-23092014>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

REUTERS. **Exército sírio retoma cidades após ataques aéreos russos.** Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/newsOne/idBRKCN0TC10W20151123>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

ROLLINS, John. **Al Qaeda and affiliates:** historical perspective, global presence, and implications for U.S. policy, 25 jan. 2011. Disponível em: <<https://fas.org/sgp/crs/terror/R41070.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SANTOS, Sofia José. **À lupa – A Guerra na Síria.** 2014. Disponível em: [http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097\\_%C0%20lupa-Guerra%20na%20S%EDria.SofiaJoseSantos.RedAngola.Fevereiro2014.pdf](http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_%C0%20lupa-Guerra%20na%20S%EDria.SofiaJoseSantos.RedAngola.Fevereiro2014.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2015.

SANZ, Juan Carlos. **Rússia e Estados Unidos negociam a paz na Síria em clima de Guerra Fria.** Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/12/internacional/1455305005\\_260540.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/12/internacional/1455305005_260540.html)>. Acesso em: 02 abr. 2016.

SCALERCIO, Márcio. **Oriente Médio:** uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SILVA, Edilson Adão Cândido da. **Oriente Médio:** a gênese das fronteiras. São Paulo: Zouk, 2003.

SITUATION in Syria. **Institute for United Conflict Analysts.** 2015. Disponível em: <<http://iucanalysts.weebly.com/>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

TERRA. **ONU recorrerá a EUA e Rússia se não houver avanço em negociação de paz síria.** Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/oriente-medio/onu-recorrera-a-eua-e-russia-se-nao-houver-avanco-em-negociacao-de-paz-siria,8756dda9bd2b8d2d04c6ea0a762f68d6luh2sk4r.html>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

TERRA. **Rússia lança quase 500 ataques contra terroristas na Síria.** Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/oriente-medio/avioes-russos-lancam-quase-500-ataques-contra-terroristas-na-siria,6e9a616da25cd79df6ae88d8db07590a182h6s02.html>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

TOPOGRAPHIC Map of Syria. **Nations Online.** 2012. Disponível em: <<http://www.nationsonline.org/oneworld/map/syria-topographic-map.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

TREIGNIER, Michel. **Guerra e paz no Oriente Médio.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

UNITED NATIONS. **Ban welcomes decision by Arab League to suspend Syria.** Disponível em: <<http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=40380#.VwB8inqiO2k>>.

Acesso em: 02 abr. 2016.

UNITED NATIONS. **‘Clear and convincing’ evidence of chemical weapons use in Syria, UN team reports**. Disponível em:

<<http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=45856#.VwCSu3qiO2k>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

UNITED NATIONS. **Chapter VII: Action with Respect to Threats to the Peace, Breaches of the Peace, and Acts of Aggression**. <<http://www.un.org/en/sections/un-charter/chapter-vii/>>. Acesso em: 24 maio 2016.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. **Syria Regional Refugee Response**. Disponível em: <<http://data.unhcr.org/syrianrefugees/regional.php>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **Security Council Fails to Adopt Draft Resolution on Syria as Russian Federation, China Veto Text Supporting Arab League’s Proposed Peace Plan**. Disponível em: <<http://www.un.org/press/en/2012/sc10536.doc.htm>>. Acesso em: 24 maio 2016.

UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **Resolution 1973 (2011)**. Disponível em: <[http://www.nato.int/nato\\_static/assets/pdf/pdf\\_2011\\_03/20110927\\_110311-UNSCR-1973.pdf](http://www.nato.int/nato_static/assets/pdf/pdf_2011_03/20110927_110311-UNSCR-1973.pdf)>. Acesso em: 24 maio 2016.

UNITED STATES OF AMERICA. **The North Atlantic Treaty (1949)**, Washington D.C., 04 abr. 1949. Disponível em: <[http://www.nato.int/nato\\_static/assets/pdf/stock\\_publications/20120822\\_nato\\_treaty\\_en\\_light\\_2009.pdf](http://www.nato.int/nato_static/assets/pdf/stock_publications/20120822_nato_treaty_en_light_2009.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

VAN DAM, Nikolaos. **The struggle for power in Syria: politics and society under Asad and the Ba’th Party**. 4ª Ed. Londres: I.B. Tauris & Co Ltd, 2013.

VIVANCOS, Alejandro E. **Eufratense et Osrhoene: Poblamiento romano en el Alto Éufrates Sirio**. Universidade de Murcia, 2005. Disponível em:

<[http://www.um.es/cepoat/antig%C3%BCedadycristianismo/wp-content/uploads/2014/08/antiguedadycristianismo\\_22\\_4.pdf](http://www.um.es/cepoat/antig%C3%BCedadycristianismo/wp-content/uploads/2014/08/antiguedadycristianismo_22_4.pdf)>. Acesso em: 03 abr. 2016.

WOLOSZYN, André Luís. **Terrorismo global: aspectos gerais e criminais**. Porto Alegre: EST Edições, 2009.

WORLD WAR I DOCUMENT ARCHIVE. **Sykes Picot Agreement**. Disponível em: <<http://www.saylor.org/site/wp-content/uploads/2011/08/HIST351-9.2.4-Sykes-Picot-Agreement.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

ZAHREDDINE, Danny. **Crise Na Síria (2011-2013): Uma Análise Multifatorial**. Conjuntura Austral, 2013. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2015/2137-1438730443.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2016.